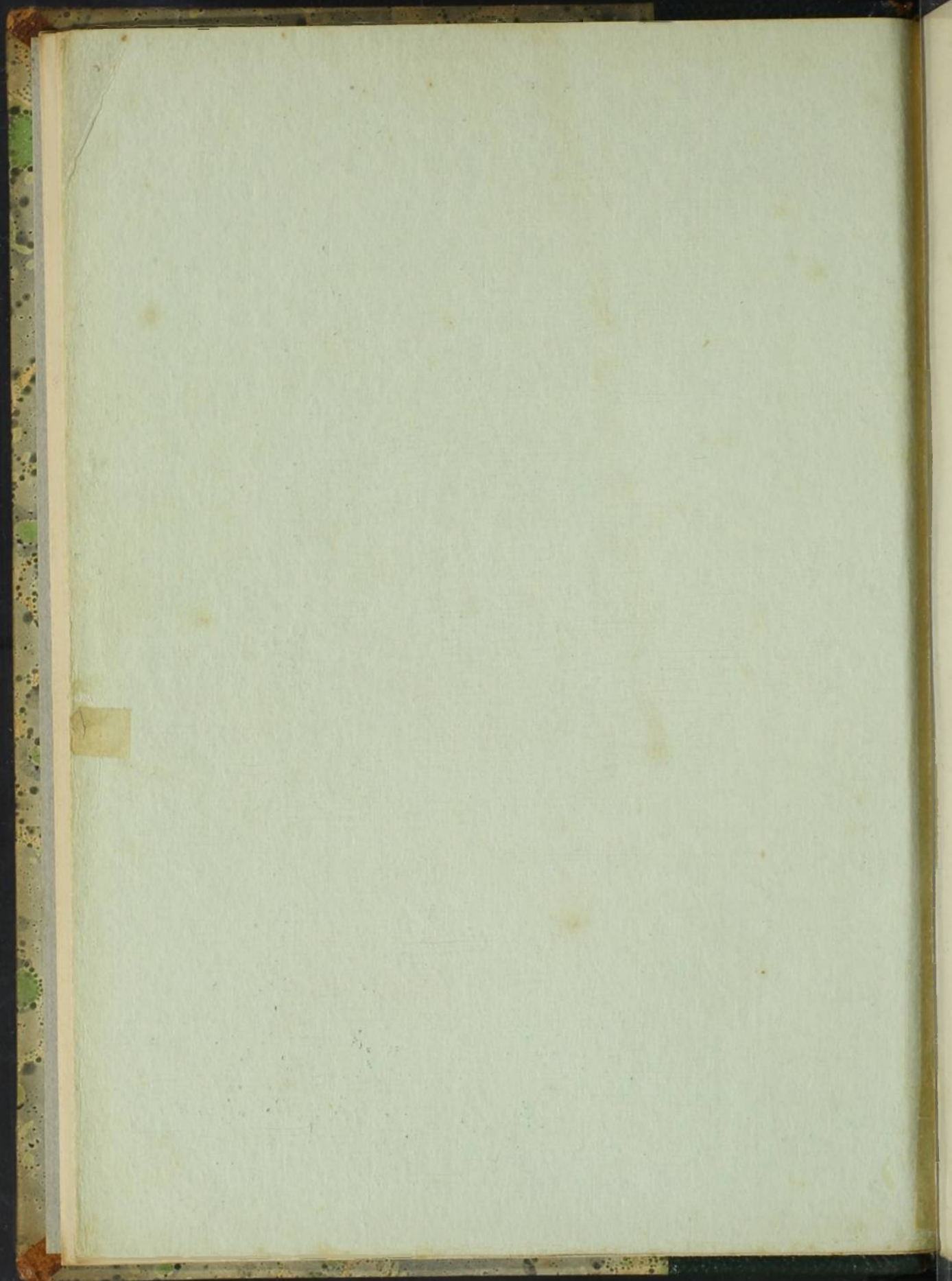


The book cover features a stylized illustration of a tree with a thick, gnarled trunk and a dense canopy of yellow leaves. The background is a textured blue-grey color. The tree's branches are white, and the leaves are small, bright yellow dots. The overall style is reminiscent of early 20th-century book design.

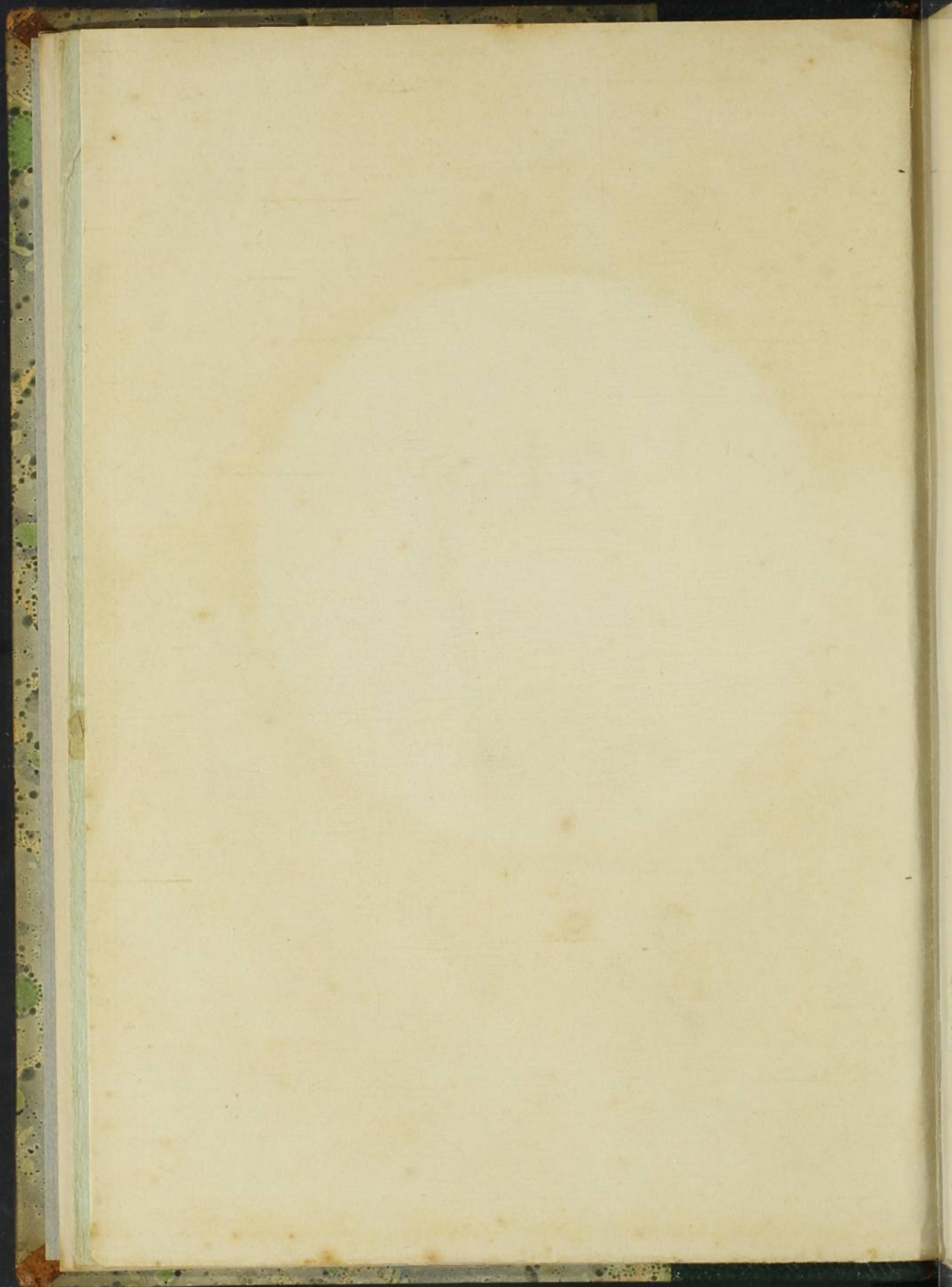
RICARDO
GONÇALVES
IPÊS

Monteiro Lobato & C^{ia} Editores. São Paulo



I P Ê S

1 - I P Ê S

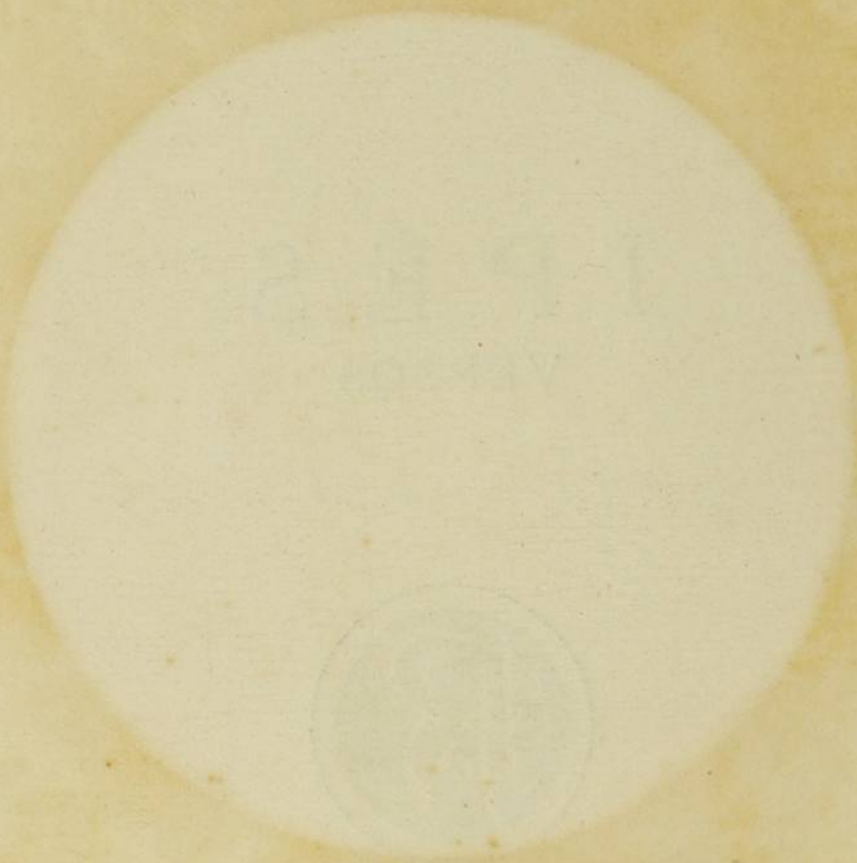


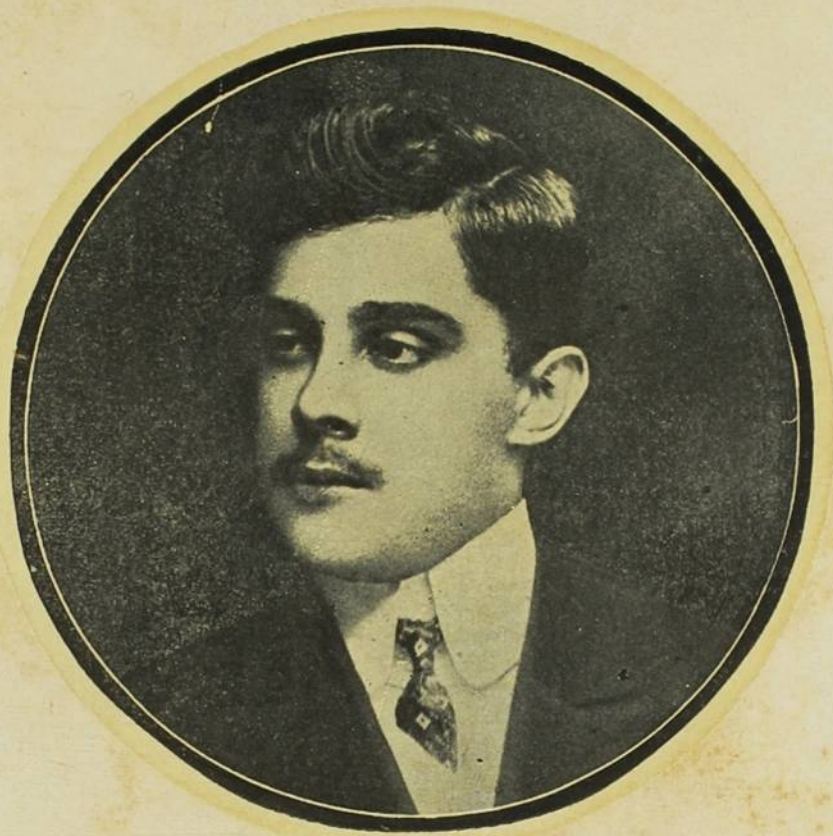
RICARDO GONÇALVES

IPÊS
VERSOS

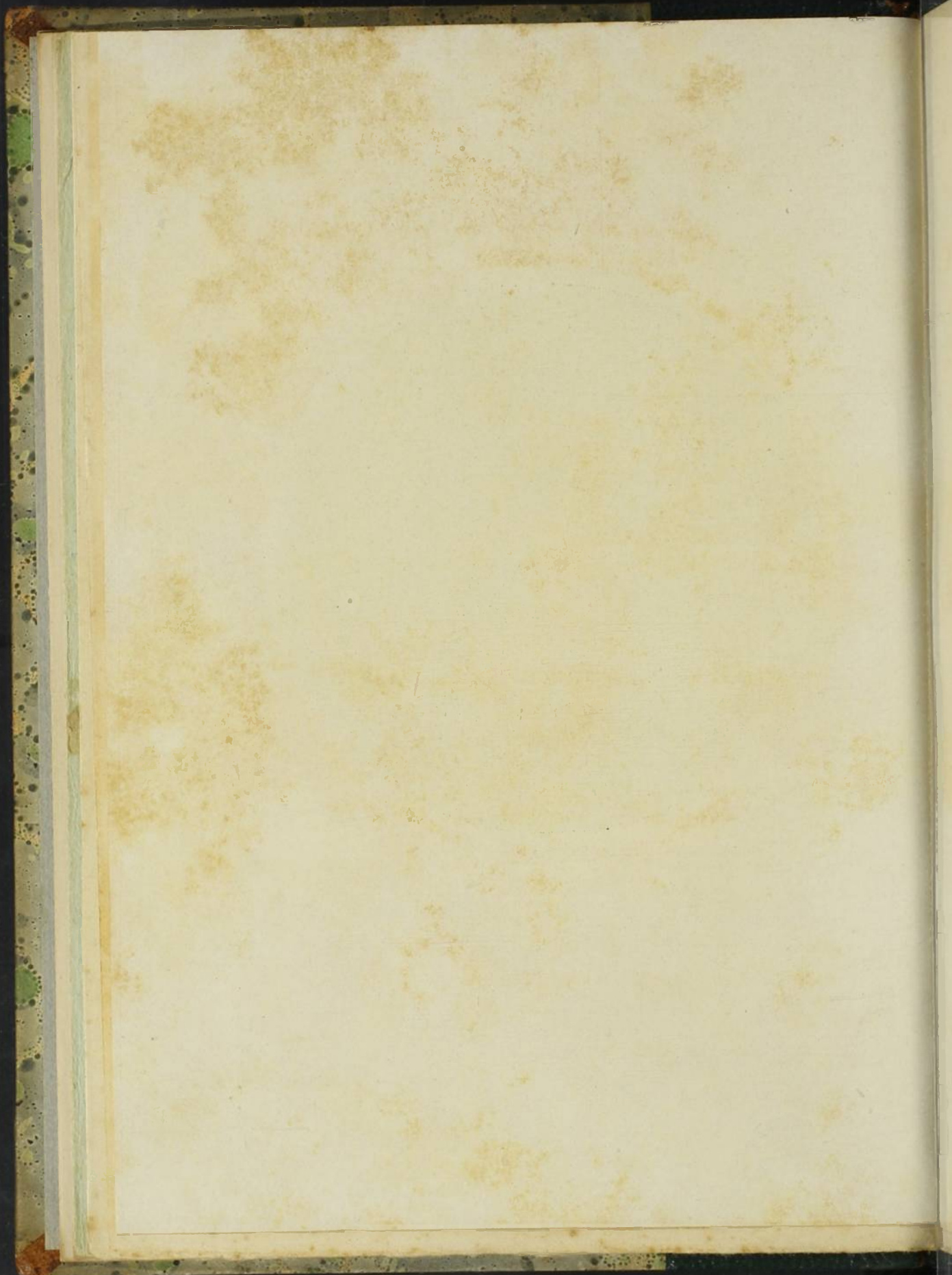


MONTEIRO LOBATO & Cia. EDITORES
RUA BOA VISTA, 52 — S. PAULO





Ricardo Gonçalves



PREFACIO

Na lama da estrada, ao pé da porteira, uma orla de pétalas côr de ouro — flores de ipê? — engrinaldam as pôcinhas d'agua côr de telha.

Mas ao chape-chape do cavallo que se aproxima, ó linda revoada de borboletas amarellas dentro de cujo arabescar eu passo!

Tontinhas!...

Como me vêem afastar socegam, e uma a uma pousam de novo, asas a prumo, immoveis, como flores de ipê dispostas em grinalda.

A saudade commenta dentro em mim:

— Um soneto de Ricardo . . .

* * *

De bruços no remanso de um pôço á sombra de ingazeiros, de cuja galhaça pendem bainhas retorcidas — peludos escriptos duma polpa que fur-

*lou á neve a côr e ao velludo o macio — contemplo
um grupo de guarús espiando, resabiados, uma
“vaquinha” de elytros verde gaio, que cahiu na
agua e bóia pernejando.*

*Um João-bôbo tocaia-me de perto, inclinando a
cabecita.*

Rumoreja longe o rio, na corredeira.

*Bisbilhos, cicics, tentativas de som grypham o
silencio sombrio da grotta.*

E a saudade “pensa” dentro em mim :

— Versos de Ricardo . . .

* * *

*Bordejando a ilha das Palmas desliza a canôa
no berylo liquido da costeira.*

Manuel rema á popa, Juvenal á prôa.

Como é loquaz o Manuel !

*Não tem fim a historia da tintureira que em-
bicheirou um dia, já pelas alturas da Moéla.*

*Afla o mar como um seio de menina agitado
dos primeiros sustos de amor.*

Está calmo, está macio.

Sopram brisas de sudoeste.

*Duas gaivotas, immoveis, na lage do Major,
longe, descansam juntinhas, como pombas . . .*

*Só uma nuvem no céu . . . E a diluir-se,
estirada em frouxel de paina . . .*

— *As tainhas !*

Vólto o rosto.

A boreste, linguas de prata, ás dezenas, emergem do liquido, scintillam, instantaneas, á luz do sol, num salto, e caem de chapa na agua azul.

— *Que lindo !*

Não tarda muito, rebóla um bôto na esteira do peixe.

E outro bôto.

E outro.

Somem-se as tainhas.

Somem-se os bôtos.

E o mar fecha aos nossos olhos a chacina sangrenta que lhe vae no bojo.

Fementido !

Todo plagios do céu por fóra, todo dramas de carnagem por dentro . . .

— *Manuel, Manuel, diz a minha saudade, está faltando aqui um companheiro, o Ricardo...*

— *O Ricardo Pequeno, da praia do Góes ?*

— *Não, o outro, o grande — Ricardito... (1)*

* * *

A casa onde móra aquella

Menina côr de açucena

E' uma casinha pequena,

Casa de porta e janella.

Ricardo mede versos na mesinha em desordem,

As janellas enquadram a paineira florescida do Minarete. (2)

A espaços, uma fiôr se destaca e cae, girante. Godofredo Rangel, ás voltas com a machina de café, resmunga contra o Nogueira. (3) Não é que o patife passára a noite a lêr um Zola á luz azul da chamma do alcool, depois de consumido o ultimo côto de vela ?

A-ca-son-de-mó-ra-qué...

— Não ha combustivel, senhor poeta !

— Accende estes "Dez Contos". (4)

— Pegarão fogo ?

— Experimenta. A-ca-son-de-mó . . .

E as flores, uma a uma, cahiam, girantes...

E as rimas, uma a uma, ageitavam-se no verso . . .

E os contos, um a um, ardiam sob a cafeteira . . .

Passos na escada. Um grito.

— Ricardo ! Rangel !

— Vé, Bompard ! (5) respondem de cima.

Era o Candido (6) que chegava, e o Raul (7) e o Arthur. (8) A cainçalha (8) integrava-se e a uma voz estrugia, num desafio a Baucaire (10) o nosso hymno de guerra :

Dé brin o dé bran

Cabussaran . . . (11)

Mal agonizavam as ultimas notas do "hymno do Minarete" (12), da mesinha em desordem evoluva-se um novo :

A-ca-son-de-mó-ra-qué...

Porque nunca mais deixaram de associar-se, em meu espirito e em minha saudade, a Poesia e o Poeta, taes os conheci um dia, no Minarete — elle medindo versos na mesinha em desordem, ella a revelar-se nas flôres côr de rosa que, aos beijos da brisa, cahiam, girantes, da nossa grande paineira florescida . . .

MONTEIRO LOBATO

(1) Ricardito, era como o tratavam na intimidade a familia e os amigos.

(2) O Minarete... Quantas saudades !...

Um pequeno chalé amarello, no Belemzinho, fronteiro à rua Cezario Alvim.

Inda existe, conservando bastante do caracter primitivo ; é a casa numero 372 da rua 21 de Abril.

Occupavamos o andar superior, composto de dois compartimentos apenas, e como das janellas se dominasse a cidade de todos os lados, baptizamol-o — o Minarete. Os «muezzins» eram Ricardo, eu e Godofredo Rangel, autor, mais tarde, dessa obra prima que é «Vida Ociosa». Muezzins, porque «officiavamos nas aras da arte» e pré-gavamos aos povos a «verdade esthetica»... Os povos não nos ouviam, nem sabiam da nossa existencia, mas tudo era sonho em nossa vida.

No quintal da casa, muito amplo, visto que naquelle tempo a cidade morria alli e as ruas, hoje construidas, não passavam de simples arruamentos, cobertos de mato, com trilhos de vaccas e sebes marginaes de roseira silvestre, erguia-se a «nossa» paineira. Objecto de perenne contemplação para Ricardo, ora núa de folhas e apen-

doadada de fructos oblongos, ora recamada de flores ro-seas que attrahiam todos os colibris da vizinhança, era essa paineira a nossa arvore querida, a musa vegetal do poeta.

- (3) José Antonio Nogueira, esse a quem hoje devem nossas letras o «Amor Immortal» e o «Paiz de Ouro e Esmeralda», formosissimos compendios de idéas sob fôrma de romance.

Nogueira adherira ao nosso grupo, logo após a crise mental que o arrancou ao seminario mineiro onde estudava para padre. A eterna historia. Cahira-lhe nas mãos um Voltaire, um Renan, um raio de racionalista qual-quer e toda a igrejinha da crença, haurida no berço e «escholastizada» no seminario, desmoronara fragorosamente.

Incapaz de mentir a si proprio, deixou a theologia e veiu espiar do Minerete o mundo. Tudo em S. Paulo era para elle novidade e assombro, o borborinho das ruas, as mulheres galantes, a electricidade, o sorvete... Jamais sahido de Minas, com a meninice e a juventude aphyxiadas no «in-pace» da educação jesuitica, estranho espectáculo offerencia esse resurrecto, alto, magro, anguloso, cheio de braços, cabellos em desalinho, olhos de espanto, roupas inda dos «Pools» de Tres Corações do Rio Verde, especie de propheta biblico posto de subito em plena Cosmopolis. Era Nogueira um montão de escombros em procura dum novo systema de equilibrio mental.

Reconstruia-se, restaurava as idéas devastadas pelo tufão da critica. Lia furiosamente, exgottava a lista inteira dos sublimes excommungados do «Index».

Não conseguia, porem, vencer o vinco do mysticismo e sob a obsessão das causas primarias chamava-nos de continuo á liça.

Cortavamos-lhe a phrase com risadas scepticas, e piavamos :

— Inda estás em Volney, homem? Que rabada! Olha que já todos aqui vogamos em alto Nietzsche...

— Mas a verdade já brilhava no Ramayana. Valmiky... Novas gargalhadas.

— A verdade! Só aqui no Minarete ha tres — as «nossas» verdadezinhas...

Nogueira não se affazia ao espectáculo da população da Paulicéa borborinhante na labuta mundana; queria-a contemplativa, na meditação diurna e nocturna das cau-

sas primarias (não dizia Deus), e chegou a pensar na fundação de um credo novo, mixto de catholicismo e sciencia. Ricardo cochichava para os visitantes espantados que o viam assim fatal e soturno :

— Caluda ! Está incubando o decalogo da religião nova que vae fundar no Braz...

Nessa epoca travára Nogueira relações com Zola. Atirado á cama, a grenha desfeita pela testa abaixo, o ar feroz, taciturno, devorava um Zola por dia, lançando as brochuras sugadas para debaixo da cama. As vezes entrava a leitura pela noite a dentro, até consumir-se o ultimo toco de vela. E se o lance empolgava, á falta de vela recorria elle á garrafa de espirito de vinho que Rangel trazia sempre ao lado da cafeteira e continuava a ler á luz vacillante da chamma azul do fogareiro...

- (4) Livro mediocre de um literato de barbica no queixo muito popular em S. Paulo naquella época de pobreza literaria.
- (5) Houve um periodo em que Ricardo e seus companheiros de minarete «viveram» o «Tartarin de Tarascon», de Daudet. Sabiam de cór o livro e como levavam a vida ao ar livre, em interminaveis passeios pelos campos dos arredores, tudo propiciava essa estranha maluquice. Ricardo era o Tartarin ; Rangel, Bezouquet ; Candido Negreiros, Bompard ; Arthur Ramos, Pascalon. Havia até o «chameau» — aquelle camello que acompanhara Tartarin á França ; era um menino frangote, filho do inquilino do andar terreo, que tinha a mania de rentar a Ricardo, sem dizer palavra. Viver um romance, um romance d'aquelles... Pois vivemol-o, mezes a fio. Muitos annos mais tarde, da ultima vez que perambulei com elle em S. Paulo, antes de dobrar uma esquina, lá nas Perdizes, Ricardo, recordando-se do tempo feliz, entreparou, na attitude defensiva de Tartarin e exclamou olhando para mim com o olhar truculento :

— « Eux »

E pela ultima vez nos rimos, com uma saudade infinita do periodo de ouro da nossa vida...

- (5) «Vé! Té!» Ainda reminiscencias do Tartarin. Sempre que nos encontravamos a saudação era essa.
- Vé, Bompard !
- Té, Bezouquet !

Quando algum dos companheiros que moravam na cidade vinha ao Minarete, mal transpunha o portão do

jardim já levava a mão á bocca, em porta-voz, e desferia o «Vé»! Surgia logo á janella um dos muezins, que retrucava com solemniissimo «Té»!

- (6) Candido Negreiros, o primeiro desertor da rodinha de Ricardo. Falleceu na Suissa em 1909 deixando no grupo um vazio imprehensivel.
- (7) Raul de Freitas, companheiro inseparavel de Ricardo cujos versos sabia todos de cór. Muitas vezes, em nossos passeios, quando o poeta, a recitar, perdia o fio, Raul retomava-o, como memoria de sobresalente que era de Ricardo.
- (8) Arthur Ramos, outro companheiro de Ricardo, por quem tinha um verdadeiro fanatismo. Companheiro fiel de todas as horas, sobretudo das dolorosas e das perigosas.
- (9) O grupo de Ricardo denominou-se um dia — «a cainçalha». Ricardo era o cão que ladra á lua; Raul, cão de collo, cachorrinho de estimação; Lobato, «bull-dog»; Lino Moreira, cão que ladra e não morde; Tito Brasil, cachorro; Nogueira, cão de frade; Albino de Camargo, o Cunegundes (um cão de rua, vagabundo, que nessa época vivia em S. Paulo pelos cafés), e por ahi além.
- (10) Como no romance de Daudet havia a rivalidade velha entre Tarascon e Baucaire, os vivedores do romance crearam tambem uma Baucaire: o Braz, cidade infame onde pontificava o literato de barbica e mais uma catterva de «incomprehendidos» cuja imbecilidade corria parelha com a presumpção.
- (11) Grita de guerra dos tarasconezes, que quer dizer, supponho eu: — por bem ou por mal serão despejados da janella de Tarascon para dentro do Rhodano.
- (12) Rangel compoz uma toada para o hymno do Minarete, o qual outra cousa não era senão a grita de Tarascon com leve alteração no fim.

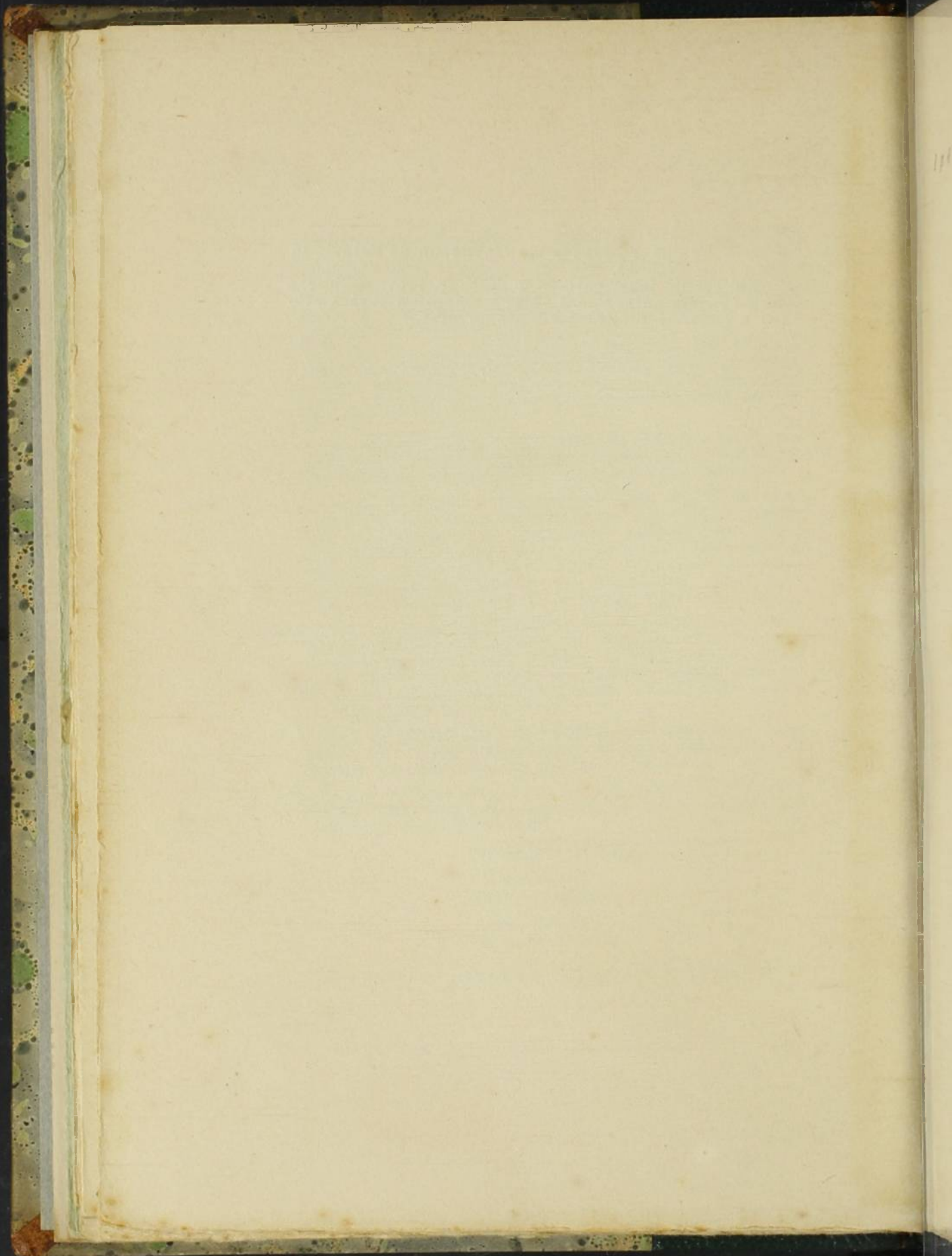
Dé brin o dé bran
 Cabussaran
 Dou fenestroun
 de Tarascoun
 Dedins lou Rose

Em vez «dou fenestroun de Tarascon dedins lou Rose»

o nosso hymno resava : «dou fenestroun de Minaroun
dedins lou Tetiose».

Em vez de Rose entrava o Tetiose, provençalização
do Tietê, em cujas aguas sujas a cainçalha jurára afo-
gar a pandilha inteira dos vates do Braz...

M. L.



AQUARELLA

A casa onde mora aquella
Menina côr de açucena,
É uma casinha pequena,
Casa de porta e janella.

Tão pequenina e singella !
Ao vel-a, a idéa me acena
De quebrar o bico á penna
E fazer uma aquarella.

Pintar a casa, a collina,
Mas sobretudo a menina,
O ar socegado e feliz,

Dando relevo á pintura,
Numa ridente moldura
De cravos e bogaris.

NHA CAROLA

A d. Olga

Arrepanhando o vestido
De chita azul, nha Carola,
Põe feijão na caçarola
Para o almoço do marido.

Dorme um cachorro estendido
Á porta da casinhola;
Gritam gallinhas de Angola
No terreiro bem varrido.

Emquanto chia a panella,
A moça vae á janella,
A ver si o marido vem.

Mas entra logo zangada
Porque na volta da estrada
Não apparece ninguem.

MEIO DIA

Preso á cintura o vestido,
Mostrando a perna trigueira,
Junto de um ipê florido,
Bate roupa a lavadeira.

Sol de braza; ouve-se o ruido
Cantante da corredeira;
Vozes ao longe, um latido...
O baque de uma porteira.

Subito, em côro, as gallinhas
Cacarejam nas visinhas
Moitas de macega, em baixo.

E ouve-se o guincho estridente
Que no ar socegado e quente
Solta um gavião de pennacho.

ZÉ DA PONTE

Ao Monteiro Lobato

Em doce transparencia côr de opala,
Expira a tardesinha ; o sol descamba,
E o Zé da Ponte enfia-se num pala,
Monta a cavallo e toca para o samba.

Toca depressa, mas um lóro estala,
Foge-lhe o pé direito da caçamba,
E o socado, com a silha um pouco bamba,
Pelas ancas, precipite, resvala.

E o Zé da Ponte, cabra destorcido,
Pião macóta, segundo a voz do povo,
Para longe da sella foi cuspidô.

“Dianho de sorte má!” Cahiu sem fala,
Perdeu a pagodeira e um ponche novo,
Naquella tardesinha côr de opala.

SERÃO

Noite; silencio lugubre e completo.
No rancho de paredes barreadas,
Uma velha caipira conta ao neto
Coisas de assombração e almas penadas.

Correm as lagartixas pelo tecto,
E o pequeno, as pupillas dilatadas,
Ouve a historia macabra do esqueleto,
Que foi visto a dansar pelas estradas.

Na rêde, os olhos fitos na fogueira,
Uma bella morena feiticeira
Sonha com sapateados e fandangos.

Mas a velha se cala de repente,
Porque lá fóra ouviu, distintamente,
Um soturno queixume de curiangos.

O BÁTUQUE

Vagas constellações de pyrilampos
Ponteiam de oiro a densa noite escura.
Ha um tragico silencio na espessura
Dos mattagaes e na amplidão dos campos.

O batuque dos negros apavora.
Anda o sacy nas moitas, vagabundo,
E almas penadas, almas do outro mundo,
Passam gemendo pela noite em fóra.

Só, no ranchinho de sapé coberto,
Encosto o ouvido á taipa esburacada,
E ouço um curiango que soluça, perto...

Lambe a fogueira os ultimos gravetos,
E pela noite rola, maguada,
A cantiga nostalgica dos pretos.

O RANCHO

No trecho em que a estrada vira,
Junto ao matto que farfalha,
Existe um rancho de palha,
Tosca habitação caipira.

Dentro, as panellas, a rêde
De dois ganchos pendurada,
Uma espingarda troxada
E santos pela parede ...

Ao fundo, a macega esconde
O ribeirão de águas claras,
Onde bebem veados, e onde
Ha lontras e capivaras.

É noite. O fogo flammeja
No rancho, espancando a treva,
E o caboclo a voz eleva,
Numa trova sertaneja.

E de uma idade já morta
Aspira todo o perfume,
Sentado junto da porta,
Olhando as chispas do lume...

DE MANHA

A Godofredo Rangel

Atiro para os hombros um capote,
Monto a cavallo e sigo estrada afóra.
Ri-se, corando meigamente, a aurora,
Entre nuvens de fogo e chamalote.

Anda por tudo um phrenesi de festa.
Scindindo a bruma leve dos espaços,
Vão-se trefegos bandos de sanhaços
Para o *Te-Deum Laudamus* da floresta.

Descem as caipirinhas para a fonte,
Vão-se para a capina os camaradas,
E ha cantigas de amor, doces toadas,
Num cafezal que sobe pelo monte.

Penetro numa rustica vereda
Junto ás limpidas aguas de um regato,
— Tremula fita rútila de seda —
Que vae torcicollando pelo matto.

O céu azul parece de velludo,
A relva tem cambiantes de amethysta,
E o rio, a ponte, as perobeiras, tudo,
Que pábulo divino para a vista!

Encontro um caçador junto ao caminho
Negaceando os "nambús": má catadura,
A tiracollo a bolsa e o polvarinho,
Chapéu de palha e faca na cintura.

Agora é uma paineira resoante
Da garrulice matinal dos ninhos,
Em cuja fronde enorme e vicejante
Ha flores, borboletas, passarinhos.

Aqui, por uma aberta da espessura,
Vejo dos tangarás a alegre dansa,
Uma orchidea de um tronco se pendura,
Um picapau num galho se balança.

Depois de uma porteira é um descampado ;
Sobe aos ares o fumo de uma choça ;
Passa um homem por mim : vae para a roça,
Pés descalços, camisa de riscado.

Caminho mais. O sol abre a pupilla
No alto dos céus, e já bem perto avulta,
Entre paineiras altas, semi-oculta,
A branca torre da matriz da villa.

Vêm para a missa grupos campezinos,
Rincha um carro moroso pela estrada,
Emquanto vibra na manhã doirada
O festival repinicar dos sinos.

MANHÃS DE OUTRORA

Antes que o sol, em pleno céu, mais quente,
Esgarçasse da bruma a leve trama,
Eu me quedava preguiçosamente
Sob os lençóis, na tepidez da cama.

Invadiam-me o quarto, pelas frestas,
A doce luz pulverizada e loura,
O matinal sussurro das florestas,
O bulício das terras de lavoura ;

Gritos de appello em prolongado entono,
Carros de bois rinchando nos caminhos,
A cantiga singela de um colono,
A matinada estridula dos ninhos ;

Ladrar de cães e vozes abafadas,
Coinchos, berros, balidos, cacarejos,
E, acompanhando o rythmo das enxadas,
Uma triste canção de sertanejos . . .

Depois, o sol limpava os céus nevoentos,
E então, fugindo á ardencia dos seus raios,
Passavam para a serra, barulhentos,
Taralhando febris, os papagaios.

E eu pensava nas formas tão perfeitas
Daquella esquiva moça veneziana,
Que vira na labuta das colheitas,
E amava, como um doido, ha uma semana.

Olhos tristes, saudosos de outros climas,
A bocca pequenina — uma framboeza,
Voz de crystal a debulhar-se em rimas,
— Colona, parecia uma princeza!

Não tinha mais frescura a madrugada
Nem mais vivo esplendor que o riso della
Quando, esbelta, fugia, arrebatada
Na vertigem veloz da tarantella!

E eu punha-me a sonhar: “Ventura a minha,
Si por acaso um dia lhe beijasse
O til vermelho vivo da boquinha,
A setinosa purpura da face.”

Mas batiam á porta: — “O sol vae alto!
Acorda, preguiçoso”! E, á voz amiga,
Eu, resolute, erguia-me de um salto,
Gorgeiando alegremente uma cantiga.

Nest
Sem
Vend
E as

Habit
De an
Em m
Ao fin

FAZENDA VELHA

Neste retiro os longos dias passo,
Sem alegrias e sem dissabores,
Vendo as aves cruzarem-se no espaço
E as paineiras vestirem-se de flores.

Habito, solitario, uma vivenda
De amplos salões, phantastica e sombria.
Em redór, as senzalas da fazenda ;
Ao fundo, o vulto azul da serra.

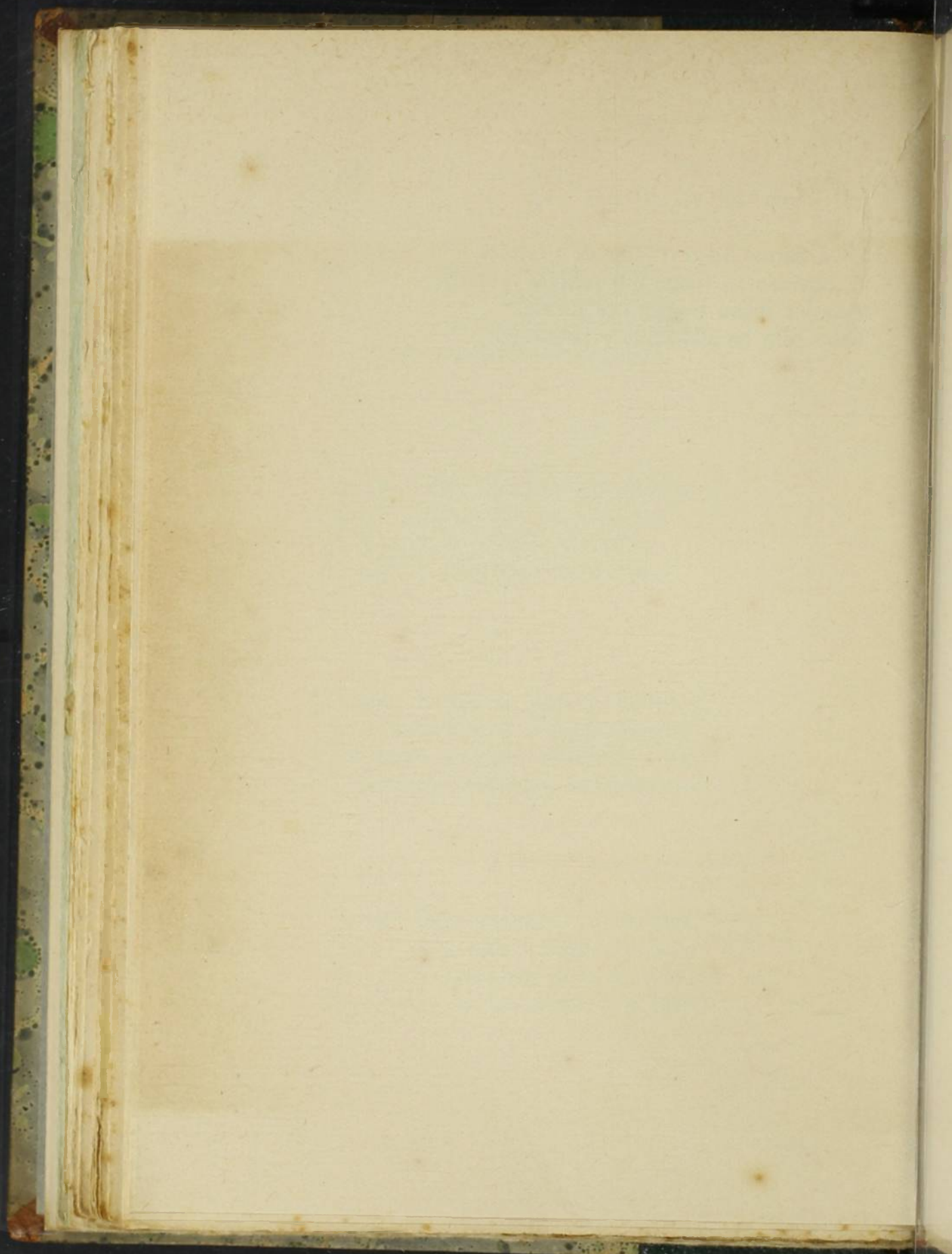
A' orla do matto virgem mysterioso,
No silencio das tardes pensativas,
Gemem as juritys de volta ao pouso
E trillam docemente as patativas.

Eu vejo, debruçando-me ás janellas,
Sobre a monotonia das capoeiras,
Altos ipês de frondes amarellas
E adustas, retorcidas perobeiras.

Depois, no céu de opala se encastoa
A lua merencorea. E pelos campos,
Por sobre as aguas mortas da lagoa,
Tremeluzem, bailando, os pyrilampos.

Ha sussurros extranhos pela brenha.
Fóra, a noite estival fulge, tão clara
Que, como em prata fôscas, se desenha
No pincaro de um monte uma jissara.

E eu entro. Atiço o lume de gravetos.
E, ouvindo ao longe uns pavidos rumores,
Evoco a dança tragica dos pretos,
Num rufo de atabaques e tambores.



A DANSA DOS TANGARAS

Na matta aromal, que é um templo,
Cheio de sombra e de paz,
Horas perdidas comtemplo,
Sobre um relvoso tapete,
Esse engraçado minuete
Que dansam os tangarás.

Canta um sabiá na espessura
A merencorea canção.
Limpo de nuvens, fulgura,
Entre o rendilhado crivo
Das arvores, o festivo
Azul de um céu de verão.

E, sob um tecto odorante,
Se aduna o bando jovial:
Tem um pennacho o marcante;
O corrego somnolento
Murmura o acompanhamento
Com trinclidos de crystal.

Na matta umbrosa, que é um templo,
Cheio de aroma e de paz,
Horas perdidas contemplo,
Sobre o tapete da relva
A maravilha da selva,
A dança dos tangarás.

A SCISMA DO CABOCLO

A Valdomiro Silveira

Scisma o caboclo á porta da cabana.
Declina o sol, mas, rúbido, espadana
Ondas fulvas de luz.

No terreiro, entre espigas debulhadas,
Arrulham, perseguindo-se a bicadas,
Dois casaes de pombinhos parirús.

A criação de pennas se empoleira ;
Come a ração no cocho da mangueira
 Um velho pangaré.
E uma vacca leiteira e bois de carro
Pastam junto á casinha, que é de barro,
 Coberta de sapé.

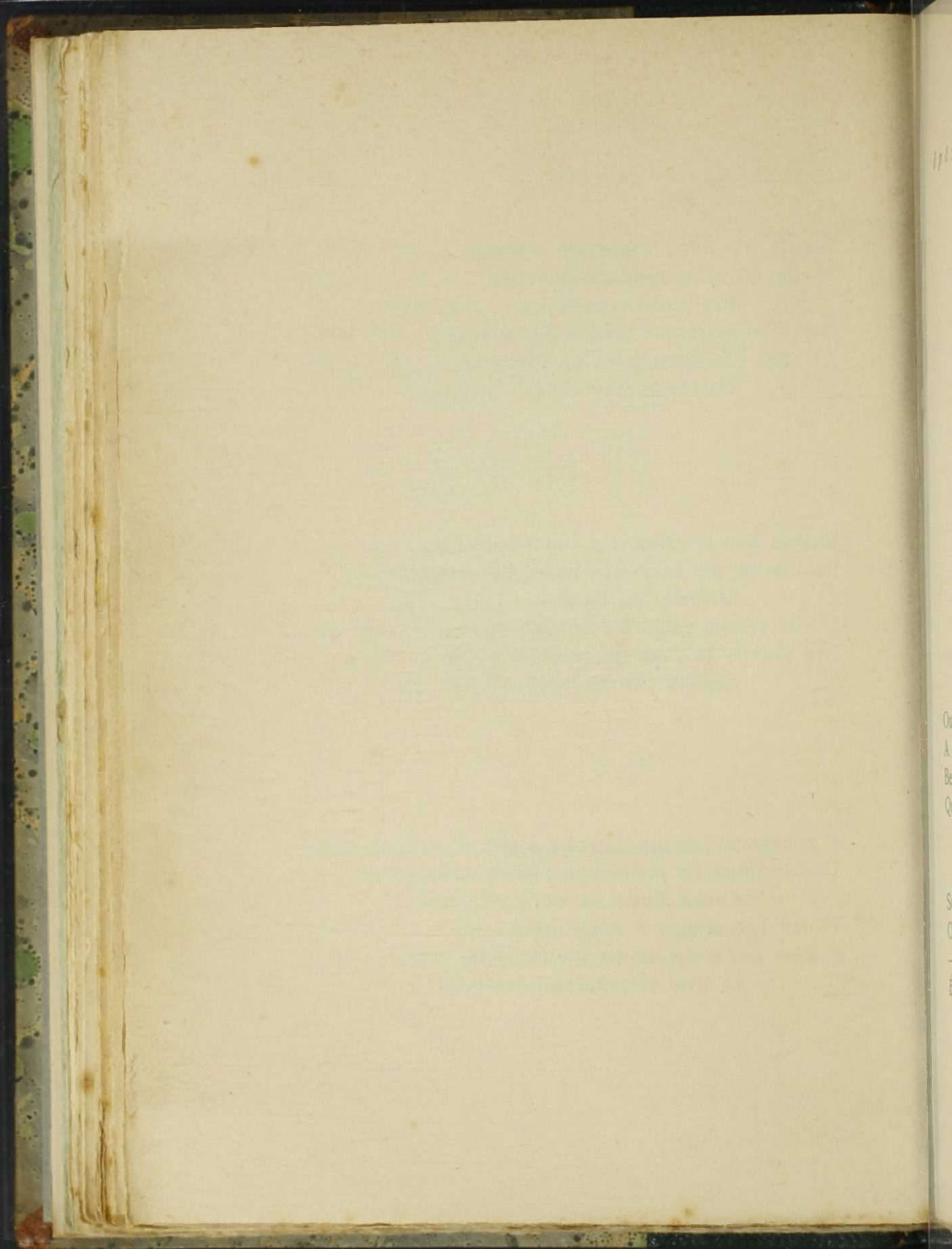
Longe, uma tropa trota pela estrada.
E a viração das mattas, impregnada
 De perfumes subtis,
Traz dos grotões, que a sombra, lenta, invade.
O soturno queixume de saudade
 Das pombas juritys.

Scisma o caboclo. Pensa na morena
Que vira numa noite de novena
 Orando ao pé do altar.
Que vira... e que, por mal de seus peccados,
Tinha os olhos profundos e rasgados
 E um riso de matar.

Branco, de fôfos, era o seu vestido.
E elle, ao vê-la, sentindo-se ferido
 Em pleno coração,
Baixinho suspirou: "Nossa Senhora!
Ai, meu São Bom Jesus de Pirapóra
 Da minha devoção!"

Depois não se conteve e, num fandango,
Furtou-lhe um beijo aos labios de morango
 O diabo do rapaz.
E ella volveu zangada: "Malcriado!
Seu vigario já disse que é peccado.
 Aquillo não se faz!..."

E o caboclo medita. O sol em chamma
Como agora ha pouquinho não derrama
 Ondas fulvas de luz.
O corrego soluça, a noite desce,
E vem dos capoeirões onde anoitece
 O trilo vespéral dos inambús.



A' GEGÊ

Ouve essa voz de mystica doçura,
A doce voz do sonho em que te agitas ;
Beíja a legião de loiras cabecitas
Que te circumda a face branca e pura.

Sorri, longe da humana desventura !
O berço azul-celeste em que dormitas,
— Esse ninho de rendas e de fitas —
É o paraiso, ó fragil creatura !

Dorme! Não chega ao berço em que adormeces
O éco da nossa vida, entrecortada
De grandes maguas e paixões refeces.

Assim, dorme feliz, longe dos gritos,
Longe dos ais que solta na jornada
A caravana imensa dos afflictos!

INNOCENCIA

Ao Roberto Moreira
(Para o teu filhinho)

Eu sei de certos senhores
Que desdenham, serios, graves,
O doce aroma das flores
E o terno canto das aves.

Rudes, a alma empedernida,
Não sei de emoção que os vença:
Desconhecem — dôr immensa! —
O que ha de melhor na vida.

Não sabem que ás vezes cura
Desalentos, desenganos
A buliçosa ternura
De um cherubim de dois annos,

Nem quanta meiguice espelha
O doce riso innocente
De uma boquinha vermelha
Que espera o primeiro dente.

AS AVES

A uma menina

Não fugira da gaiola
O sabiá, si adivinhasse
Todo o pranto que te rola
Pelas covinhas da face.

E comtudo as aves... pensa
Que ellas têm filhos e ninhos...
Imagina a dôr immensa
Dos miseros passarinhos!

Imagina que supplicio
Quando ouvem, por uma fresta
Da prisão, todo o bulicio
Das alvoradas em festa!

Prendel-as... que crueldade!
As avesinhas, querida,
Precisam de liberdade,
Porque a liberdade é a vida.

Precisam voar pelos ares,
Como eu, creança, preciso
Do sol desses teus olhares,
Do mel desse teu sorriso.

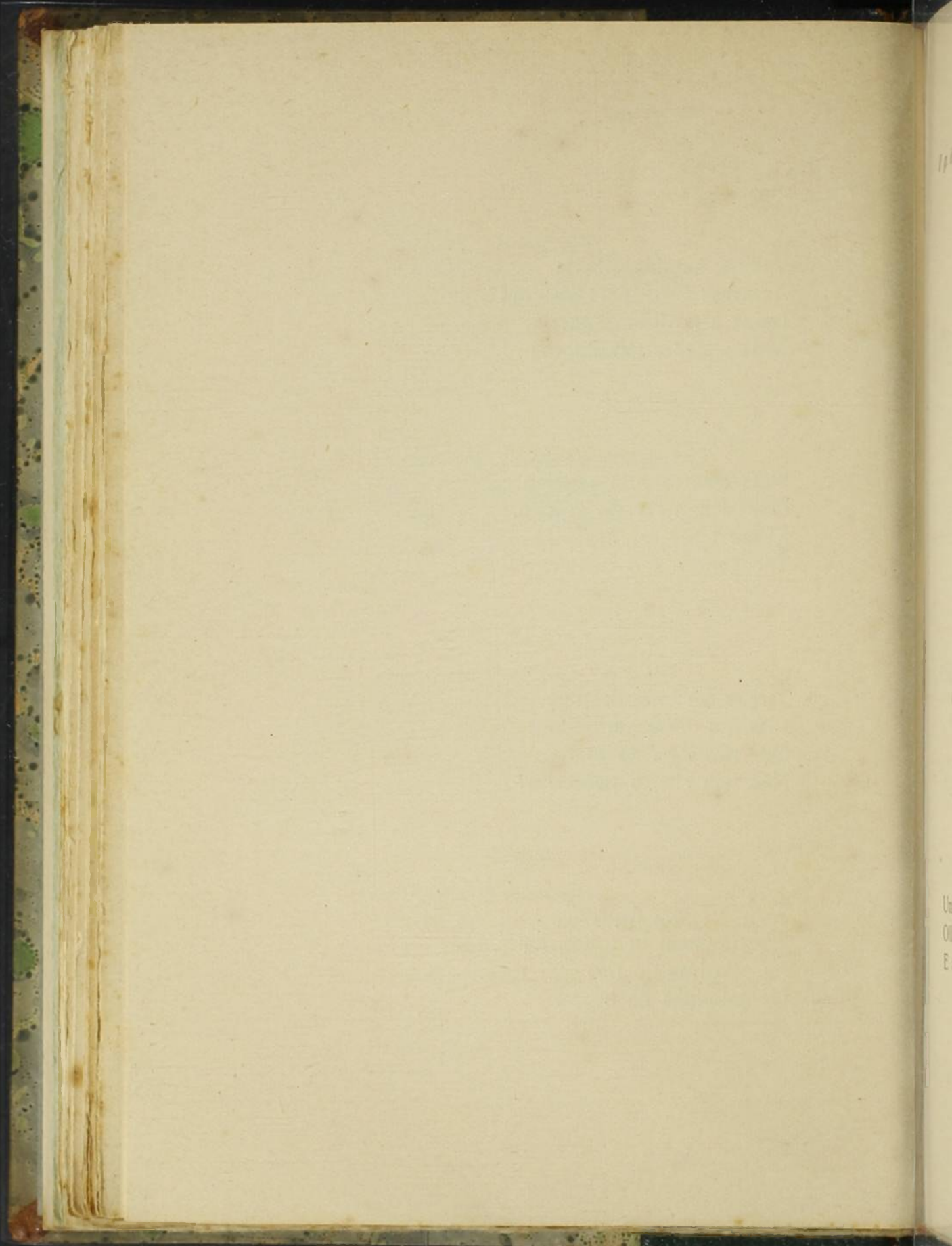
Prendel-as? Ora, avalia
Si teu pae por um momento
Tem a louca phantasia
De encerrar-te num convento.

Vamos, querida, liberta
As aves! Coragem! Vamos!
Deixa a portinhola aberta,
Solta aquelles gaturamos;

Solta esse canario esquivo
Que já não sáe do poleiro.
E' tão triste ser captivo!
Tão penoso é o captiveiro!

Tira a corrente de prata
Dos pés desse periquito.
Que nostalgia da matta
Não tem elle, o pobresito!

Assim; agora é preciso
Que tambem tu soltes, louca,
As patativas do riso
Da gaiolinha da bocca.



UMA CRIANÇA

Graciosa e pequenina,
Que lindo o seu cabelo ondedo e loito!
A mãe beija-lhe a bocca purpurina,
Que a filha, essa menina,
E' todo o seu thesoiro.

A graça que tem ella
Unida a uma expressão mimosa e casta!
Olhar em que a bondade se revela;
E a meiguice, pois que para ser bella
A perfeição não basta!

No absconso pardieiro
Triste, que a luz do sol jamais procura,
A pobresinha canta o dia inteiro.
E' como um passarito prisioneiro
 Numa gaiola escura.

Como um canario canta,
A sua doce voz beija e consola
E á cantiga que sáe dessa garganta,
O sol, um sol piedoso se levanta,
Aquecendo a modesta casinhola.

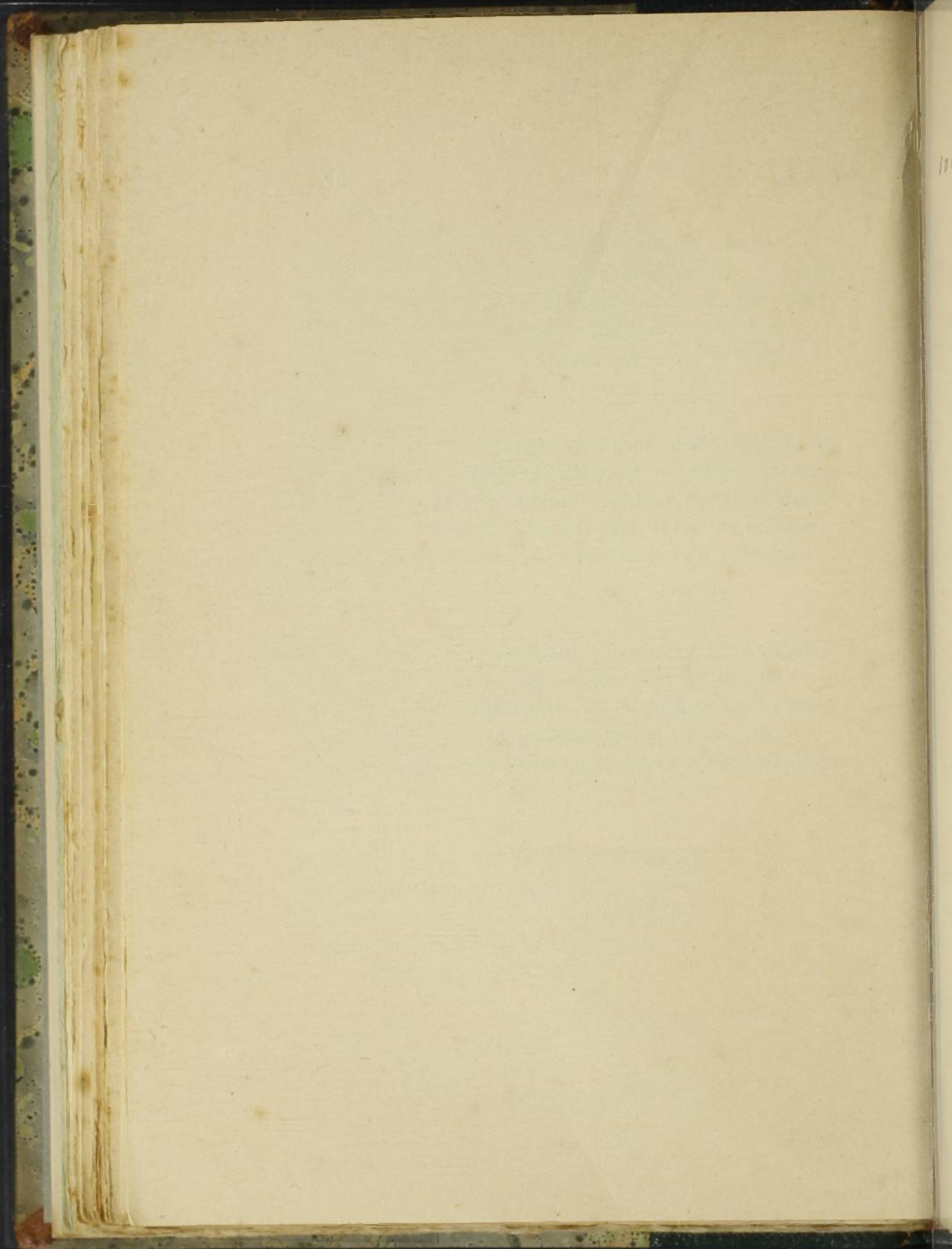
A santa mãe, que fervorosa prece,
Costurando, solícita, murmura,
Ante a voz infantil que anima e aquece,
Fica extática a ouvir e até se esquece
De que a persegue immensa desventura.

Absorta, os olhos humidos de pranto,
Escuta a meiga e tremula ballada:
Ergue-se então e, interrompendo o canto,
Fecha-lhe a bocca rubra e delicada
 Num beijo sacrosanto.

Mas ah! si ella soubesse
O destino da ingenua creatura
Que os seus dias tristissimos aquece,
Com que fervor alevantara a prece
Que seu labio murmura!

E tu, si num olhar doce e profundo
Desses teus olhos — humidas saphiras —
Pudesses ter num rapido segundo
A visão das miserias deste mundo,
Decerto não sorriras!

O pae que fôra expulso da officina
Vivendo na taberna,
A velha mãe tão doente, tão franzina!
Ai! que será de ti, pobre menina,
Quando te falte a protecção materna!



A ARVORE

Para as creanças das escolas

Salta do leito e vem cá fóra,
Vem ver esta arvore, sonora
De murmurinhos e canções.
O sol nascente a afaga e beija,
E as suas frondes purpureja
Com seus vivissimos clarões.

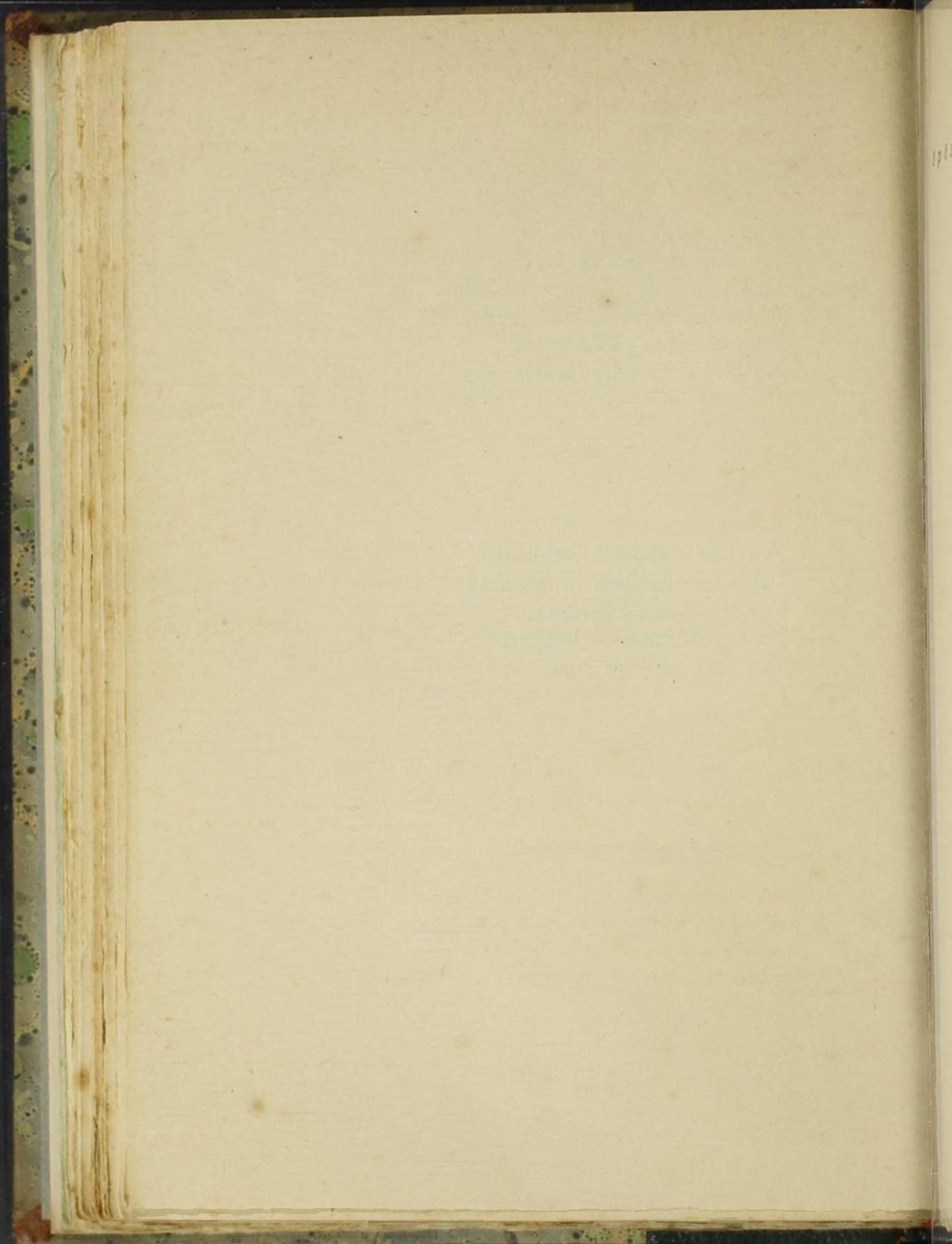
Anda-lhe em torno, alacre, um vivo
Zumbir de insectos ; pelo crivo
Das folhas verdes fulge o sol ;
E entre cortinas viridentes,
Zinem cigarras estridentes,
Tecem aranhas o aranhol.

Depois, a pino, o sol escalda,
E a sua copa de esmeralda
E' como um pallio protector,
A cuja sombra, ampla e divina,
Cantam as aves, em surdina,
Cantos dulcissimos de amor.

Ama-a ! — toda a arvore é sagrada —
Ama esta esplendida morada
De abelhas de oiro e aves gentis !
Busca entender tanta poesia,
E faze côro á symphonia
Da natureza, que a bemdíz !

Ama-a, na gloria matutina,
Entre os vapores da neblina,
Que toda a envolvem, como véus,
Cheia dos prantos da alvorada,
Ou melancolica, estampada
No oiro e na purpura dos céus...

E reza então : «Bem dita sejas
Por tuas frondes bemfazejas,
Pelos teus canticos triumphaes,
Por tuas flores e perfumes,
Pelos teus passaros implumes,
Por tuas sombras maternaes»



O RIO

Para as creanças das escolas

Rio sonoro que as planicies banha
E enche de rumorejos a floresta —
Foi seu berço uma rocha na montanha,
Teve uma origem simples e modesta.

Era, em começo, um tímido regato
De meiga voz e de agua crystallina :
Desalterava os passaros no matto,
Beijava o caule ás flores na campina.

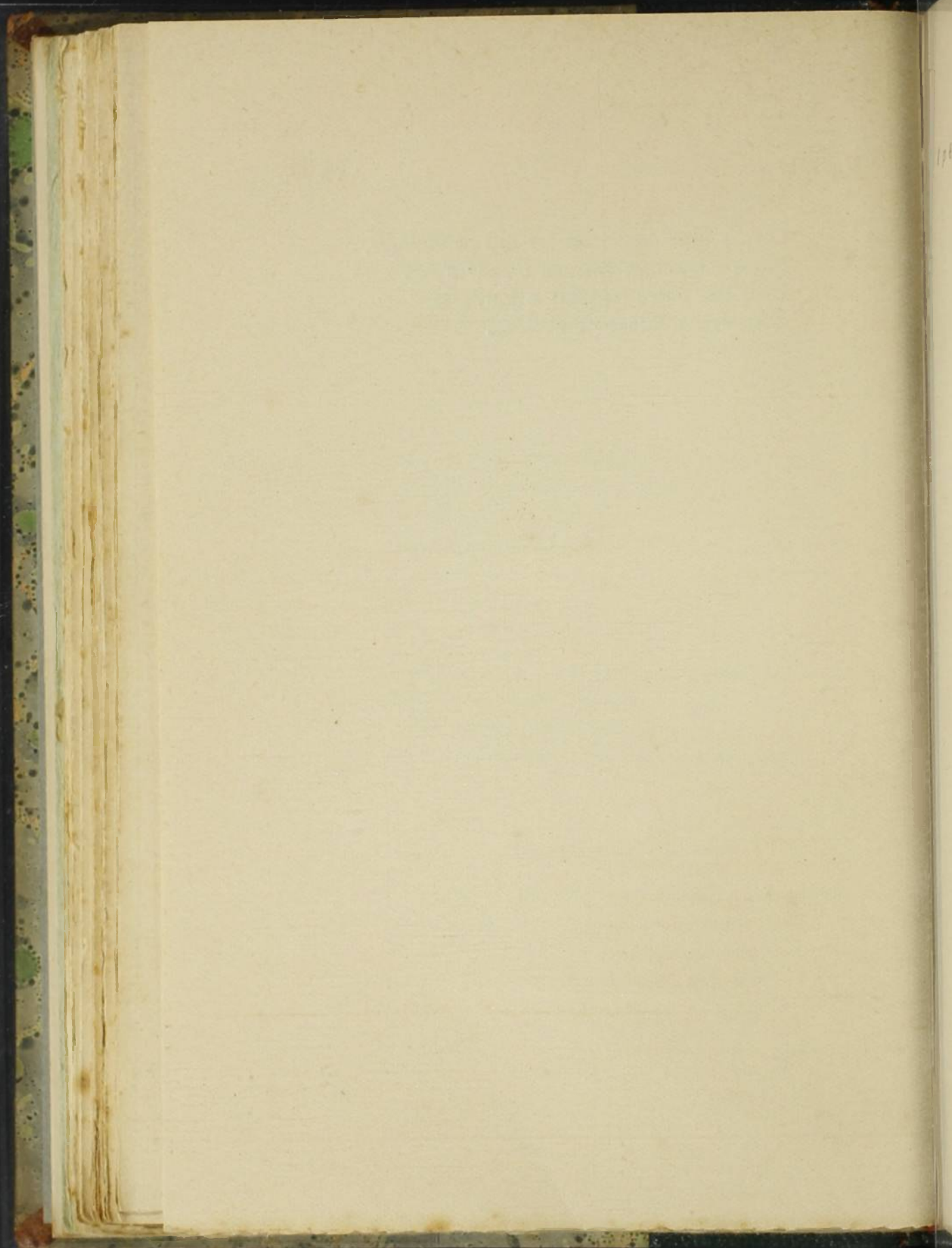
As andorinhas leves e graciosas
Molhavam na corrente as asas pretas
E roçavam por elle, buliçosas,
Numa doce caricia, as borboletas.

Veza em veza, uma inquieta saracura,
Sahindo, cautelosa, do brejal,
Da sua face luminosa e pura
Mirava-se no limpido crystal.

Assim cresceu, e agora, sem descanso,
Rega os campos, fecunda as plantações
E ora colleia preguiçoso e manso,
Ora estronda em profundos boqueirões.

E rubro — quando o sol tinge o horizonte
Alvo — do plenilunio á luz tranquilla,
Marulha sob os arcos de uma ponte,
Reflecte as casas brancas de uma villa.

Leva a abundancia ao lar dos pescadores,
Move engenhos, carrega embarcações
E deslisa entre bençãos e louvores,
Através de cidades e sertões.



A CHUVA

Para as crianças das escolas

Estamos em Janeiro.
É todo um atoleiro
O leito das estradas.
E a chuva cáe violenta,
Na terra lamacenta,
Em bâtegas pesadas.

Ha uma tristeza immensa
Por tudo — e a gente pensa
Que o sol não torna mais,
Após dias inteiros
De rijos aguaceiros,
De rudes temporaes.

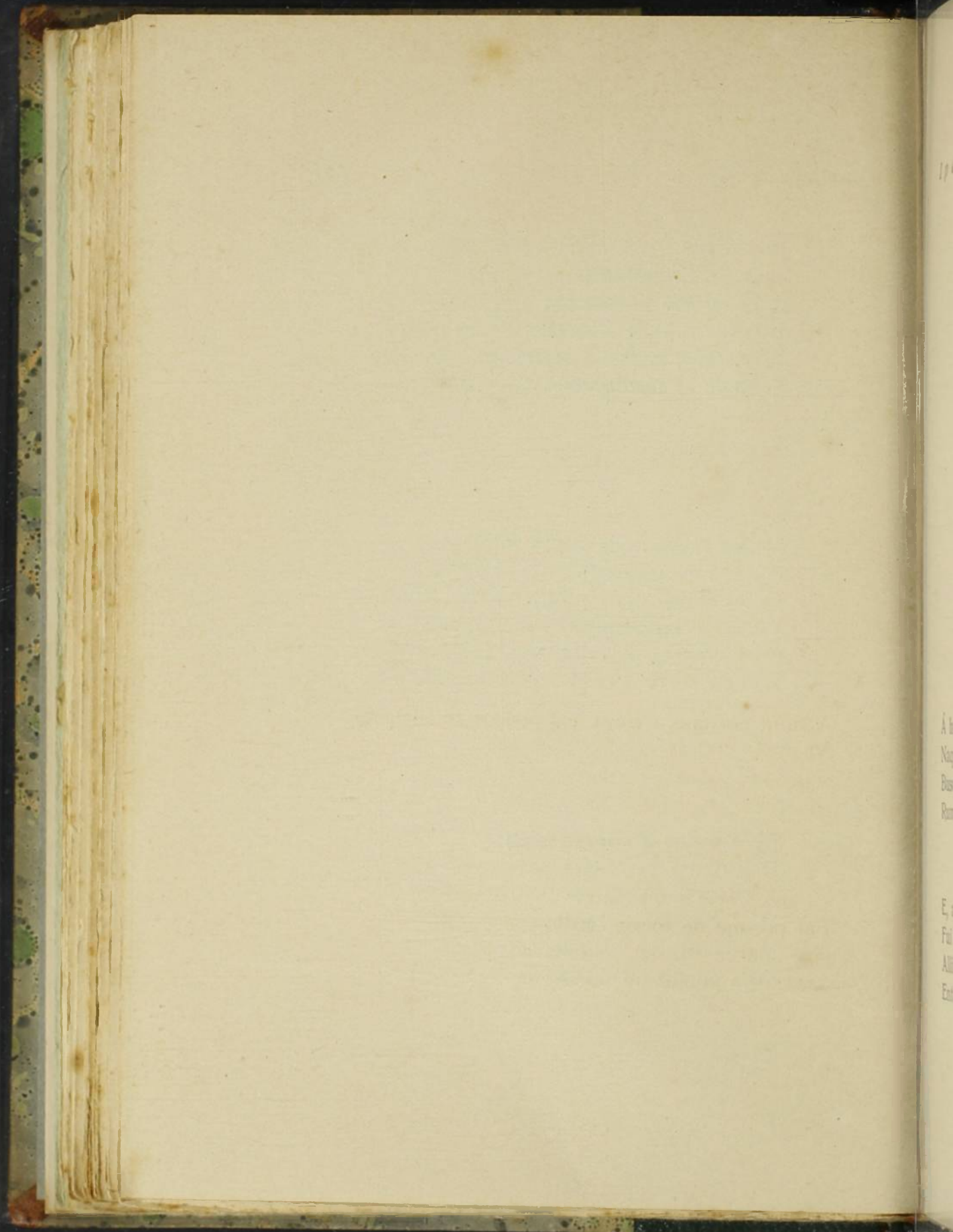
O olhar pelas alturas
Só vê nuvens escuras...
Exulta o lavrador:
Correi pelas chapadas,
Fecundas enxurradas,
Diluvio bemfeitor!

Justo é que a chuva amiga
O lavrador bemdiga:
A chuva lhe vem dar
Mais viço ao arvoredado,
Mais flores ao balsedo,
Mais pomos ao pomar.

Rouco sibile o vento,
Caia do firmamento
A chuva em borbotões;
E desde o valle á serra
Encharque, alague a terra,
Fecunde as plantações.

Nestas rechãs, que agora
A agua avassaladora
Cobre como um lençol,
Verdes e farfalhantes,
Os milharaes pujantes
Hão de sorrir ao sol.

Justo é que a chuva amiga
O lavrador bemdiga:
A chuva lhe vem dar
Mais viço ao arvoredado,
Mais flores ao balseado,
Mais pomos ao pomar.



MIMO DE CAÇADOR

Á hora em que a treva aos poucos se adelgaça,
Naquelle dia, de manhã, bem cedo,
Buscando as fortes emoções da caça,
Rumo da céva entrei pelo arvoredo.

E, antes que o sol rompesse a bruma escassa,
Fui pôr-me de tocaia, ancioso e quedo,
Alli onde o córrego, ondulando, passa
Entre o massambará, quasi em segredo.

Em breve um ruflo, um galho que estalida,
Um tiro... e após, de uma arvore visinha,
Cáe nas folhas um passaro sem vida.

E é assim que agora posso dar-te, ufano,
— Mimo de caçador, senhora minha! —
Este vermelho papo de tucano.

UMA VELA QUE PASSA...

Longe, um barco de pesca á viração desfralda
A vela, e singra ao sol que rompe a escassa bruma,
Rumo desses ilhéus que o maroiço engrinalda
Com seus flocos de espuma...

Foge... graciosamente enfunada, palpita
No horizonte lilaz, como um passaro exul...
Depois se afasta e é uma asa branca na infinita
Curva do mar azul.

Primeiro amor! sonho formoso de creança,
Cheio de luz, cheio de unção, cheio de graça!
És tu na curva azul de um mar todo bonança
Uma vela que passa...

FUMANDO...

Sobe em volutas a fumaça.
Em torno a mim tudo descança.
Tinhas na voz tamanha graça...
Era tão fulva a tua trança...
Porque será que esta lembrança
O coração me despedaça?

Branca, aromal, trajando luto,
Vens do passado. Em brandas queixas,
A tua voz, que treme, escuto.
Beijo-te as fúlgidas madeixas...
Mas porque vens, porque não deixas
Minh'alma em paz, um só minuto?

Sonhos, delirios... a doçura
De uma afeição correspondida...
Raios de sol e noite escura,
Assim passava a nossa vida;
Ora, uma lagrima dorida,
Ora, um sorriso de ventura...

Crepuscular melancolia...
Um vago aroma de verbena.
Ao longe, um sino, que plangia,
Dava o signal para a novena...
E eu te beijava a mão pequena,
E o teu olhar esmorecia...

Onde esse andar cheio de graça ?
Onde o torsal dos teus cabellos ?
Como a tenuissima fumaça,
Que sobe aos ares em novellos,
Os sonhos bons, os pesadelos,
Tudo passou ... pois tudo passa.



NAVEGANTES

Ha homens, doce amada que me escutas,
Que se vão para longe de seus lares,
Através de tormentas e de luctas,
Através de florestas e de mares.

Partem-se elles em busca de riquezas,
Embarcados em frageis caravelas,
Sem temerem do mar as incertezas,
Sem temerem a furia das procellas.

Uns levam dentro d'alma angustiada
Em que soluça o adeus da despedida,
A lembrança da noiva idolatrada,
A saudade da esposa estremecida.

Um, que riquezas e thesouros sonha,
Mesmo através do sonho que o domina,
A paizagem natal bella e risonha
Leva constantemente na retina.

Outros, sem que uma lagrima saudosa
Lhes humideça a face endurecida,
Deixam por uma vida aventureosa
Uma tranquillã e venturosa vida.

E todos têm de rútilas chimeras
A alma povoada ; e, aguas em fóra,
Vão-se as veleiras naus, vão-se as galeras
Para um desconhecido que apavora.

Mares innavegados e bravios, —
A inclemencia dos ventos e das vagas,
A principio ; depois... climas doentios
E perniciosos de longinquas plagas ;

Fome e sêde, calores suffocantes,
Emanações de brejos deleterias,
E a seguir-lhes os passos vacillantes
Um cortejo de dores e miserias...

E vão-se... e um vento fresco de bonança
Tral-os de volta, um dia, á verde enseada,
A' verde enseada conhecida e mansa,
Donde partiu a frota empavezada.

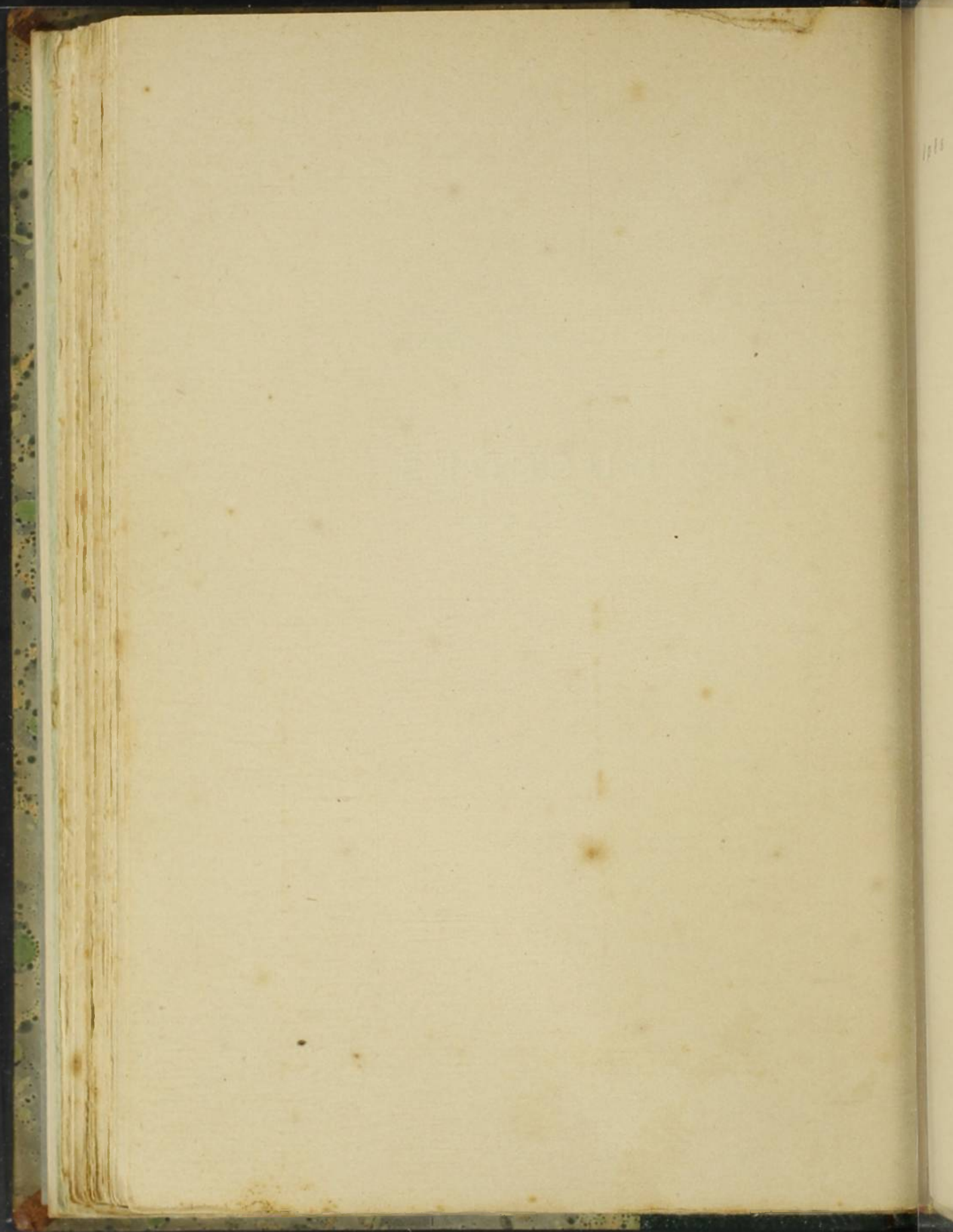
E os loucos Argonautas atrevidos,
Que se foram em busca de um thesouro,
Voltam desanimados e vencidos,
A alma vasia, as mãos vasiaas de ouro.

Tambem eu fiz-me ao largo, assim como elles,
Na minha escuna pelo mar da vida...
Volto... mas onde os sonhos? onde aquelles
Extraordinarios sonhos da partida?

Onde as montanhas de ouro refulgente,
E os bosques de coral e de saphira?
Essa região ideada pela mente
Do poeta sonhador que tudo aspira?

Volto, exanime e triste, á bella enseada,
A' abra feliz donde parti creança,
E trago a minha nau desarvorada,
Sem a flammula verde da esperança.

TRADUCCÕES



DO "INTERMEZZO"

(HENRI HEINE)

I

Tu tens o estio na face,
O inverno no coração ;
Na face, a estação do riso,
No peito, a negra estação.

Mas não tarda que isso mude.
Mudada serás... e então,
O inverno terás na face,
Terás no peito o verão.

II

As violetas do olhar, a deliciosa
Papoula da boquinha perfumosa,
Da face illuminada as açucenas
E o suavissimo lyrio transparente
Das mãosinhas fidalgas e pequenas,
Esses vicejam prodígiosamente,
Pois secco e murcho é o coração apenas.

III

Procurei, minha amada, no jardim,
O lugar em que um dia
Teu mentiroso labio repetia
Que o nosso amor jamais teria fim.

O peito apunhalado pela dôr,
Quiz ver esse recanto
Em que desfiaste as perolas do pranto
E me deste, creança, o teu amor.

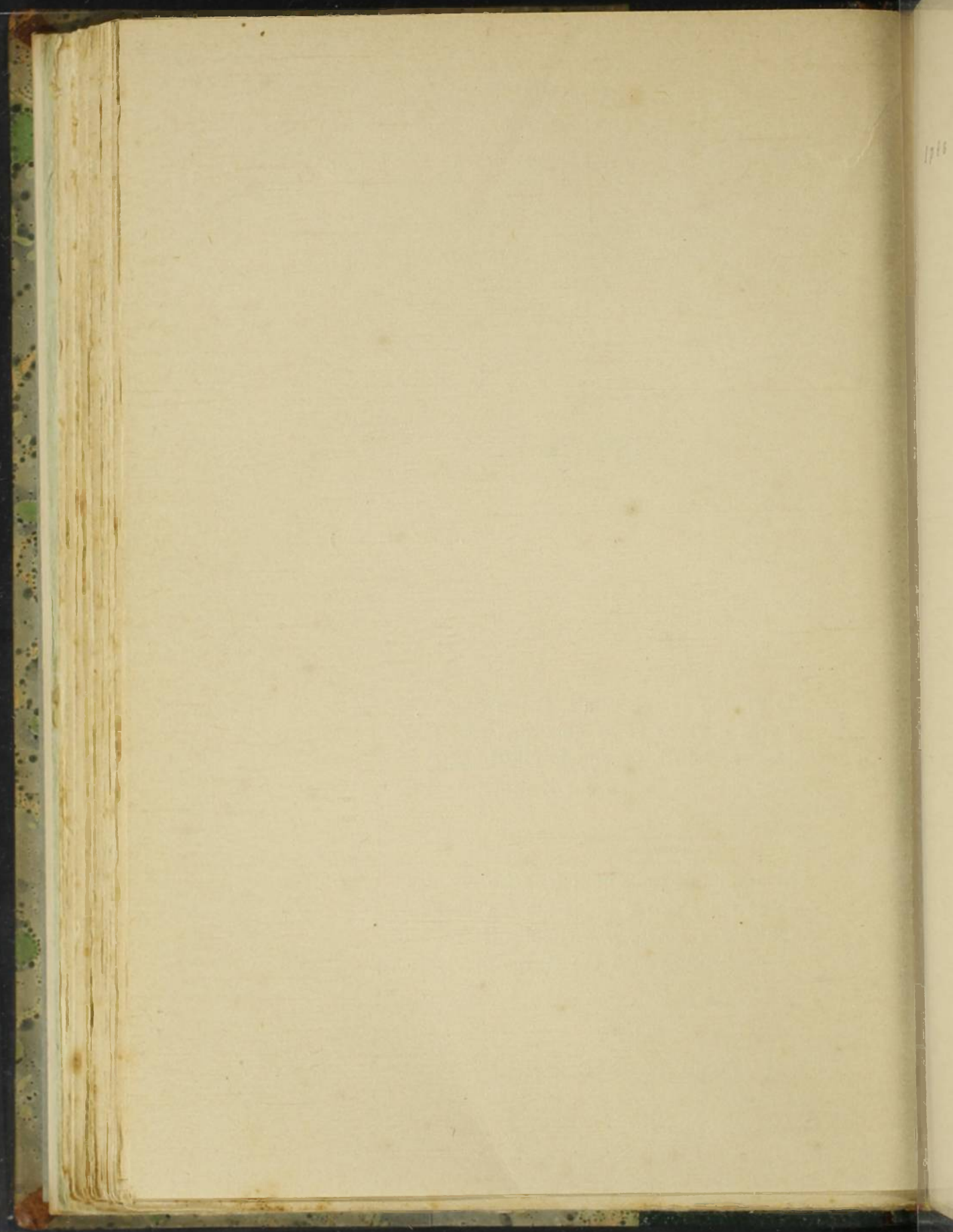
Dona dos olhos grandes côm do mar,
Dona dos grandes olhos penitentes :
 Venenosas serpentes
 Achei nesse lugar.

DOENTE

(L. STECCHETTI)

O craneo se me estala. Estou doente.
Força e vigor já os musculos não têm.
Magro, febril, padeço horriavelmente,
Mas quando penso em ti me sinto bem.

Mas quando penso em ti, doce creança,
Foge-me a dôr e volve-me a esperança.
Quizera a morte para não soffrer,
Mas quando penso em ti, quero viver.



SERENATA

(FRANÇOIS COPPÉE)

Prometteste-me, pequena,
Para esta noite serena
Um beijo da bocca tua,
Por isso bem devagar
Acabo de escorregar
Do céu num raio de lua.

Iremos sem fazer ruido
Pelo atalho percorrido
Tantas vezes — que prazer !
Iremos pelo caminho
Escutando o borborinho
Das correntes, sem as ver.

E para termos um guia
Através da ramaria,
Na paz nocturna dos campos
Onde tudo é triste e bello,
— Na noite do teu cabelo
Collocarás pyrilampos.

FREMITOS DE AMOR

(JEAN RICHEPIN)

Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.
Traz-me a brisa, entontecedor,
Um bafejo aromal de jasmins e de rosas.
Plangem de manso, no ar, musicas mysteriosas,
Cheias de um cálido langor.
Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.

E ai ! é tão longe a terra, as praias tão distantes !
Adeus, adeus, lindas amantes !
Trança em que me prenda — laço cheiroso e brando —
Bocca de onde arranquei meu coração sangrando,
Tão longe ! Adeus, carnes em flor !
Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.

A estas recordações meu sangue moço estíua.
Aromas, compaixão ! Desapparece, ó lua !
Ventre alvo, seios nús, sustae vossa vingança !
Adeus, ó bocca ! adeus, ó trança !
Adeus, adeus, carnes em flor !
Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.

DO "CYRANO DE BERGERAC"

(EDMOND ROSTAND)

ACTO I, SCENA IV

CYRANO

Elegancias? tambem as tenho... moralmente.
Si não me enfeito como um fôfo peralvilho,
Sou mais limpo, apesar de ser menos casquilho.
Nunca ninguem me viu, tendo, por negligencia,
O coração manchado ou manchada a consciencia,
Levando a Dignidade andrajosa e rasgada,
Ou alguma affronta que não fosse bem lavada.
Sim. Tudo em mim reluz, refulge. Intemerato,

A Franqueza e a Lealdade, eis as plumas de ornato
Que ostento no chapéu. Não é um talhe bem feito:
E' minh'alma que eu trago esbelta, que endireito
E aprumo como quem aprumasse a estatura;
Em vez de laços, tenho acções de alta bravura;
E, assim como o bigóde, o espirito cofiando,
Os grupos atravesso e, entre elles, agitando
As verdades brutaes que tinem como esporas.

II

ACTO I, SCENA V

CYRANO

Oh ! dize que esperança eu posso ter com tal
Super-desmesurado appendice nazal ?
Não me illudo. A minh'alma, às vezes, se enternece
Na hora azul em que a tarde expira e a noite desce...
Penetro num jardim : que perfumes subtis
Haure este malfadado, este pobre nariz !
E' Abril, o doce mez... passam dois namorados,
Um casal, junto a mim... eu os vejo enlaçados

E penso que também poderia trazer
Suspenso de meu braço um corpo de mulher...
Um vulto feminino que em meu braço descança...
Um beijo... uma carícia... o aroma de uma trança...
E esqueço-me de tudo, e não sei o que penso,
E, de repente, vejo estampar-se, ai de mim!
A sombra colossal do meu nariz imenso
No muro do jardim.

LE BRET (*commovido*)

Meu pobre amigo!...

CYRANO

Sim! sou bem digno de dó,
Sentindo-me tão feio, ás vezes, e tão só!
Tu não podes saber quanto soffro... que de horas
Amargas e cruéis! que supplicio!

LE BRET

Tu choras?

CYRANO

Não, chorar, isso não! seria tão grotesco
A lagrima a rolar no dorso gigantesco
Do meu pobre nariz!... Jamais consentiria
Essa enorme abjecção, tamanha grosseria!
A lagrima! não ha nada mais bello, nada,
E eu não quero que em mim provoque a gargalhada.

III

ACTO II, SCENA IV

RAGUENEAU

Tortasinhas de amendoa e modo de as formar

Batam-se bem alguns ovos

— Inda novos;

Nas ondas que a espuma trouxe

De cidra o summo se deite,

Grosso leite,

Bom leite de amendoa doce.

Passe-se dentro da lata
Fresca nata
Em fôrmas de bom-bocado ;
De damasco a borda peje-se ;
E despeje-se
Gotta a gotta, com cuidado,

Tudo na fôrma, de fôrma
Que essa fôrma
Vá para o forno ; e, rendendo-a,
Sigam-se as outras ; sahindo,
Venham vindo
As tortasinhas de amendoa .

IV

ACTO III, SCENA VIII

CYRANO

Mas que fazer então ?
Buscar um protector poderoso, um patrão ?
Ser como a hera que enlaça o carvalho robusto,
E lambe-lhe a cortiça e trepa então sem custo ?
Usar, para attingir o cimo desejado,
De astucia em vez de força ? Oh ! não, muito obrigado.
Entrar para o canil dos poetas rafeiros,
Como elles dedicar versos aos financeiros

E fazer de bufão para que um potentado
Haja por bem servir? Oh! não, muito obrigado.
Almoçar cada dia um sapo sem ter nojo,
Rustir o ventre por andar sempre de rojo,
Ter a rótula suja e fazer menos mal
Promptas deslocações da columna dorsal?
Obrigado. Trazer o incensorio suspenso
A um idolo que viva entre nuvens de incenso,
Ganhar celebridade, applausos e corôas
Num circulo de trinta ou quarenta pessoas?
Navegar, tendo em vez de remos madrigaes
E, a tufarem-me a vela, os suspiros fataes
Das velhas, num derriço? Obrigado, obrigado.
Ganhar fama de autor por haver publicado
Meus versos, mas pagando o livro aos editores,
Obrigado. Viver de esmolas e favores,¹
Ser papa nas reuniões que, em baiúcas sem nome,
Fazem alguns sandeus? Ver si alcanço renome
Com um soneto, si tanto, em vez de fazer mil,
Achar muito talento em qualquer imbecil?
Obrigado. Ter medo aos jornaes, ser amigo
De elogios, dizer de mim para commigo:
«Ah! si o meu nome vier no *Mercurio francez*!...»
Calcular, ter na face impressa a pallidez
Dos poltrões, preferir fazer uma visita
A bordar, carinhoso, uma estrophe bonita,
Ser da matilha, hedionda e vil, dos pretendentes,

Redigir petições e mendigar presentes ?
Obrigado. Obrigado. Obrigado. Obrigado.
Mas... cantar, mas viver num sonho alcandorado,
Calmo e feliz, o olhar seguro, a voz vibrante,
De quando em vez, e, por capricho, petulante,
Por de través o feltro, e, por um quasi nada,
Dar um beijo na Musa ou dar uma estocada.
Nem um verso escrever que a mim me não pertença,
E, apesar disso tudo, uma modestia immensa :
Pagar-me com uma flor, ou um fructo appetecido,
Comtanto que no meu pomar seja colhido.
E, em summa, desdenhando a hera vil que se esconde,
Não conseguindo ser o roble, cuja fronde
Mora perto do Azul e distante do pó,
Subir pouco, mas só, completamente só.

V

ACTO III, SCENA X

CYRANO

Um beijo? Mas que vem a ser um beijo ao certo?
E' um juramento feito um pouco mais de perto,
E' uma confissão de amor, que bem depressa
Queremos confirmada. O beijo é uma promessa,
E' um segredo que toma a bocca pelo ouvido,
Momento divinal, que faz como um zumbido
Caricioso de abelha. O beijo, meu amor,
E' uma communhão, tendo gosto de flor,
Maneira deliciosa e maneira inebriante
De haurir-se todo o aroma a um coração amante,
E de gosar-se uma alma, á flor de uns labios quentes.

.....

SONHOS MORTOS

(LECONTE DE LISLE)

Olha, amigo : este mar, que ora assim vês tão manso,
Bateu, como um ariete, um dia, sem descanso,
Os promontorios ; foi aos saltos, em cachões,
Escalando, subindo as rochas e sobre ellas
Extendeu a bramir, no fragor das procellas,
O espumoso lençol dos negros vagalhões.

Agora o encrespa a fresca brisa matutina.
A belleza do sol as aguas illumina
E longe, em direcção desse horizonte infindo,
Onde passam, nadando, embarcações remotas,
Vae-se da costa azul, o páramo scindindo,
Em tremula revoada, um bando de gaivotas...

Alli boiam, porem, contornando os illéus,
Destroços de naufragio ; e esses que os escarcéus
Assassinaram vão, sob as ondas pesadas,
Lividos, a sangrar, de costas ou de bruços,
A bocca aberta transbordante de soluços,
Olhos vitreos, olhando as aguas socegadas.

Meu coração é como esse mar que, tranquillo,
Beija as praias agora em doce murmurillo.

Tambem chorou, rugiu como elle... Sem descanso
Contra as rochas lançou-se em tremendos embates,
Todo um dia cruel de insania e de combates.
Vês ? — Agora reflue apaziguado e manso ;
Sem desejo ou temor de nova tempestade,
A' caricia do sol a voz mal se lhe escuta,

Mas o genio, a esperança, a força, a mocidade,
Eil-os mortos na espuma e no sangue da lucta.

O ara
Que m
Cada
Do h

Nem
No a
Vie
Que

OS ELEPHANTES

(LECONTE DE LISLE)

O areial infinito é como um rubro oceano,
Que resplandece, mudo, em seu leito espraído.
Ondula, immoto, o céu côm de cobre, do lado
Do horizonte em que habita o formigueiro humano.

Nem rumor e nem vida... O leão, farto, descansa
No antro afastado, em meio aos mattagaes infindos.
Vae beber a girafa esguia á fonte mansa,
Que a panthera conhece, ao pé dos tamarindos.

Dorme tudo. Siquer um passaro no ar quente,
No ar em que gira um sol de fogo, um sol em chamma ..
A's vezes, com volupia, adormida serpente
Faz ondular, morosa, a rutilante escama.

O ar inflammado queima. O calor é mais denso.
E, bamboleando a massa — intrepidos viajantes,
Rumo do ermo natal, pelo deserto immenso,
Vão-se, num bando escuro, os tardos elephantes.

Vêm elles do horizonte ensanguentado e quieto,
Vêm levantando o pó, que em nuvem grossa ondeia,
E, para não sahir do caminho mais recto,
Desmoronam com a pata os comoros de areia.

Velho chefe, talvez, é o que á frente caminha :
Rugosa como um tronco a pelle do seu dorso ;
E' um rochedo a cabeça . . . O arco immenso da espinha
Dobra-se, com violencia, ao mais pequeno esforço.

Os passos não estuga e também não lardeia
Que os passos pelos dells o bando inteiro marca.
E, deixando após si fundos sulcos na areia,
Seguem todos, atraz do velho patriarcha.

Seguem, levando a tromba apertada entre os dentes,
As orelhas em leque. O ventre bate e fuma...
E o suor dells produz uma ligeira bruma
No ar cheio de tavões e de insectos ardentes.

Mas, que importam a sêde e o calor suffocante?
Que lhes importa o enxame importuno que esvoaça?
Vae o bando a pensar numa selva distante
— Primeira habitação da primitiva raça.

Vae rever uma selva umbrosa o escuro bando...
E a caudal em que nada o hippopotamo enorme,
E onde, brancos de luar, iam beber, quebrando
Os juncos marginaes com a grande pata informe.

La vão... E a linha escura e phantastica ondeia...
La vão elles, molgando as juntas, lentamente,
Mas passam... e depois fica immovel a areia,
Passam... e depois fica o deserto sómente.

APPENDICE

NOTA

Ricardo Gonçalves nasceu em 1883 e muito cedo revelou-se poeta. Aos quatorze annos já deu fortes mostras da sua sensibilidade esthetica em versos imperfeitos quanto á forma embora dos mais ricos em poesia espontanea. As producções reunidas neste appendice são dessa epoca e para ellas chamamos a attenção sympathica do leitor que poderá adquirir uma idéa perfeita da sua evolução poetica.

MANHÃ

Densa neblina envolve a serrania.
Vem nascendo a manhã. Debeis rumores
Partem da matta em férvida alegria,
Partem da matta a transbordar de flores.

Canta na roça, onde a araponga pia,
A alegre turma dos capinadores.
O sol de Maio, rútilo, irradia,
E faz da terra um prisma de mil côres.

Gorgeiam aves, sacudindo o orvalho,
Cortam do espaço o limpido arrebol,
E vão pousar bem longe, noutro galho.

Da nevoa o manto dissipou-se agora ;
Cheio da messe a lourejar ao sol,
Rechina um carro pela estrada afóra.

1903.

PASSEIO

Vamos pelos atalhos divagando.
Vamos bem devagar, tão de mansinho
Que, em nos vendo passar, a ave do ninho
Ponha a cabeça fóra e fique olhando.

Que as borboletas, num iriado bando,
E o buliçoso e arisco passarinho,
Em nos vendo passar pelo caminho,
Continuem nas moitas adejando.

Iremos, passo a passo, olhar perdido,
Tu, segurando a cauda do vestido,
Eu, aparando a palha de um cigarro.

E na volta, si virmos casualmente
Com seu carro de bois o tio Vicente,
Voltaremos de pandega no carro.

1901.

JEQUITIBÁ

Nesta chapada verde em que teu vulto impera,
Hoje de cada moita uma voz se levanta
Para cantar a vida ; e a vida em cada planta,
A vida em cada arbusto, esplendida, exhubera.

Porem, tu já morreste. Embalde a primavera
Volta e, para saudal-a, a natureza canta.
Que importa si teu vulto a passarada espanta !
Que importa, velho rei, si o machado te espera ? !

Morreste ! Nunca mais, como nos tempos idos,
Verás na primavera os teus galhos floridos,
Terás como tiveste arvoredos copados.

E tu já foste rei de uma antiga floresta,
E hoje, invalido e só, nem ao menos te resta
Um sabiá que te cante as canções do passado.

1900.

ALVURAS

Os colonos na faina da capina
Cantam além, num cafezal formado.
Rincha um carro de bois. Vem do intrincado
Seio da matta o som de uma buzina.

Com virginaes alvuras de noivado,
Na encosta pittoresca da collina,
Fulgem ao sol, que a todas illumina,
As casinholas brancas do povoado.

Bimbalham sinos religiosamente
Na capelinha branca. Ha muita gente
De rosto compungido em cada porta.

E, á luz do sol, que rútilo scintilla,
Vae pela rua principal da villa
O esquife branco de uma noiva morta.

1 900.

O POMBO

O sabiá titubeante e a jurity plangente
A rola e o tangará, no seio redolente
Da matta secular, em prazenteiro bando,
Cantam ao vir do sol ou quando o sol no poente
Vae aos poucos tombando.

Depois, si a noite chega, e ao longo dos caminhos
Soluçam noitibós, as aves de seus ninhos
Vão buscar o aconchego e a tepidez macia,
Sem ver que a chuva cãe . . . felizes passarinhos!
E que a noite é sombria.

Lá fóra o vento agita as franças do arvoredó,
E a matta é silenciosa e o céu é torvo e tredo ;
A rola está em seu ninho, os filhotes lá estão,
Pode a chuva cahir, que as aves não têm medo
Da chuva e do tufão.

Nasce o dia poreo e acordam na floresta
Mil rumores subtis num fremito de festa.
O sol aponta ao longe, além da serra, além...
E o grito dos anuns e os da araponga mesta
Annuncial-o vem.

Rumores de cascata á sombra hospitaleira
De alto jequitibá, de frondosa mangueira,
A frescura da matta e o livre espaço infindo,
Que existencia feliz... que existencia fagueira,
Ai que viver tão lindo!

Mas o pequeno mundo de pequenos entes,
De avezinhas gentis que vivem tão contentes,
Vê afinal com terror chegar á matta um dia
De caçadores vis — monstros surprehendentes —
Luzida companhia.

Soluça a jurity, canta a araponga mesta,
Cheias da inspiração que a luz do sol empresta.
Saltitando gentil e sacudindo o orvalho,
Uma pobre viuvinha, uma viuvinha lesta
Vôa de galho em galho.

Mas, subito, o arrulhar tão doce e apaixonado
Da jurity, que chama o companheiro amado
Para as luctas do amor, resôa além... distante...
E o pombinho feliz, gentil Romeu alado,
Parte no mesmo instante.

Parte, bem longe paira. O doce arrulho cala.
Rebôa de repente um estampido e a bala,
Que parte do fuzil, vae rispida esfusiando,
Folhas derruba ao ramo e rapida resvala
Num corpo miserando.

E agora do pombinho inanimado jaz
O delicado vulto. E nunca... oh! nunca mais,
A floresta ha de ouvir o seu cantar saudoso
Quando, á tardinha, vão as aves, aos casaes,
Em busca do seu pouso.

1900.

AVES DE ARRIBAÇÃO

Um dia, pelo inverno, os passarinhos
Aos primeiros pallores da alvorada,
Abandonam em doida revoada
A tepidez plumosa de seus ninhos.

Deixam a antiga habitação, de arminhos
E de pennas finissimas forrada,
E vão-se para longe dos caminhos,
Através da floresta embalsamada.

O' aves descuidosas e felizes
Que o benefico sol da primavera
Demandaes noutros climas e paizes,

Aves de arribação, trefego bando,
Eu tambem vou partir... mas quem me dera,
Mas quem me dera ir como vós cantando !

1904.

NO "MINARETE"

Pela janella um céu de Maio. Leve
Perfume de jasmims. Rechina um carro.
Contemplo o rendilhado que descreve
No espaço o fumo azul do meu cigarro.

Lá fóra, aos bambuaes segreda o vento
Uma doce ballada commovida.
Oh! repousa afinal meu pensamento:
Não penso em cousa alguma desta vida.

Tenho uma idéa negra? Logo a varro
Do cerebro e de subito ella passa
Como passam as nuvens do cigarro.

Dolce far niente! O pensamento agora
E' leve como as nuvens de fumaça,
Como as nuvens do fumo se evapora.

1903.

“TESORO MIO”...

(Valsa de Besucci)

Porque será que as doces melodias
Que brotam do teclado,
Levam minh'alma aos venturosos dias,
Aos venturosos dias do passado?

Vem-me de longe magica fragrancia
Que a um tempo venturoso me transporta,
Doce illusão da minha doce infancia,
Doce illusão ha tanto tempo morta!

Ouço na igreja o bimbalar do sino.
Perseguem-se andorinhas no telhado,
Ó meus dias felizes de menino,
Ó santas illusões do meu passado !

Para onde foi esse viver risonho,
Essa ave de oiro que em meu peito havia,
A repetir baixinho, noite e dia,
A cavatina módula do sonho ?

De amores tive o peito constellado :
Eu era pequenino, ella pequena ;
Ó *santinha* do altar do meu passado,
Ó perfume das noites de novena !

E as lembranças dulcissimas da infancia
Para minha saudade redivivas,
Surgem nos horizontes, á distancia,
Como um bando de pombas fugitivas.

OLHOS PRETOS

Teus grandes olhos pretos e formosos,
Teus grandes olhos são como dois lagos,
Onde nadam desejos voluptuosos,
Onde boiam volupicos afagos.

Na travessia destes procellosos
Mares da vida, escuros e presagos,
Teus grandes olhos pretos e formosos
São para mim a estrella dos Reis Magos.

Sol, auroras, crepusculos e luas
Recebem sua luz dos teus olhares,
Que são a luz dos meus febris sonetos.

E eu, si ainda tenho risos para a vida,
E' que eu a vejo, doce flor querida,
Pela pupilla dos teus olhos pretos !

1900.

PRIMEIRO AMOR

A asa que passa, num celeste arpejo,
O nome teu repete, ó linda flor!
E conta a historia do primeiro beijo
A' luz do sol, ao doce aroma e á côr.

Primeiro beijo do primeiro amor,
Que acalentar as nossas almas veio,
Mas, que partiu depois, partiu... Maldade
Maldoso amor! deixando-nos no seio
O áspide venenoso, que é a saudade.

A serpe venenosa e trahidora
Abandonou-se em languido repouso.
Dorme agora
Em nossos corações fartos de goso.

Porem, oh sim! ha de acordar um dia,
Quando sentirmos a asa do desejo
Cantar numa celeste melodia
A doce historia do primeiro beijo.

E então, nesse momento, a asa que passa,
E a luz do sol, e o doce aroma, e a côr,
Repetirão talvez com terna graça
A louca historia do primeiro amor.

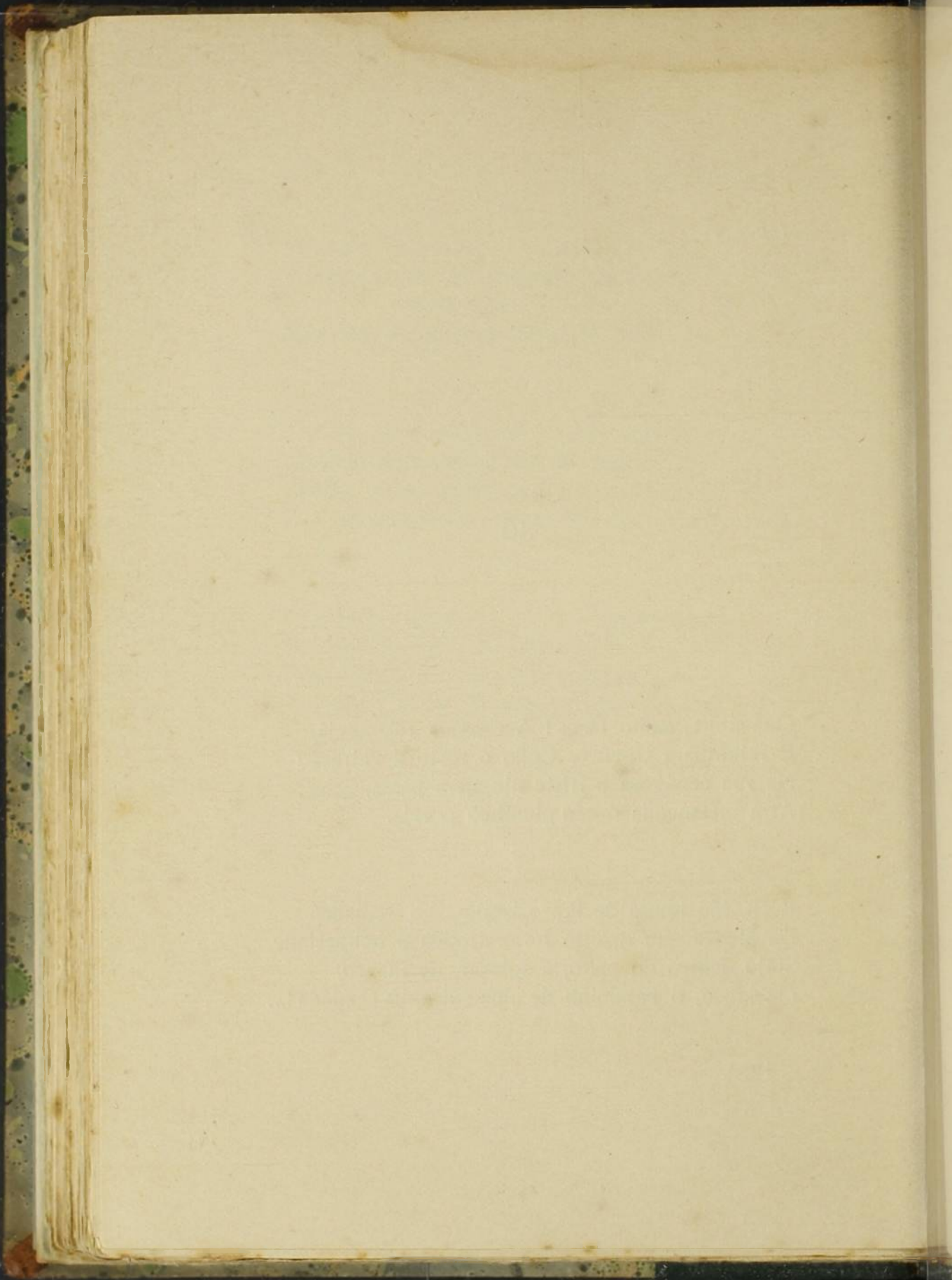
1898.

SÓ

Que noite, santo Deus! A espaços relampeja,
E retumbam trovões. Collo o rosto á vidraça :
Na rua cenagosa e triste ninguem passa,
Atra melancolia o céu plumbeo poreja.

E eu, tão longe de ti... sósinho, no remanso
Da alcova, em quanto fóra estronda a tempestade,
Sinto dentro do peito, a soluçar, de manso,
Queixoso, o bandolim de uma extranha saudade !...

1904.



VISÃO

Na rosea nuvem de um sonho,
Chegas. Minh'alma te vê...
Mas, a visão doce e casta
Rapidamente se afasta,
Sem que tu saibas porque...

Foge... e logo sobre a alma
Pesado manto de treva
A dôr estende minaz.
E essa nuvem que te traz,
A mesma nuvem te leva...

Não quero que me visites,
Meu descorado jasmim,
Quando nesta lucta insana,
Feroz alcatéa humana,
Vocifera junto a mim...

Mas só, no meu quarto, á noite,
Fico instantes que nem sei...
Haurindo o aroma celeste
Das flores que tu me deste
E dos beijos que te dei.

1899.

HISTORIETA

Quando a alma é todo um thesouro
De illusões, de sonhos bellos,
Erguendo airosos castellos,
Amaste um principe louro !

Como um pagem das balladas
Era esbelto e sobranceiro,
Tinha a altivez de um guerreiro
E usava esporas douradas.

Mas tu, radiosa creança,
Com elle não foste á igreja,
Pois que nunca a gente alcança
Aquillo que mais deseja.

E eu disse num tom profundo :
— «Oh! devaneios crueis!
São muito raros no mundo
Os principes e os donzeis.

Donzel do louro cabelo,
Aureo sonho de menina,
Que nunca a sorte mofina
Te converta em pesadelo!»

Depois, tendo o peito em lavas,
Amaste furiosamente
Um *dandy* bem differente
Do principe que sonhavas.

Mas o «leão» que era o mais lindo
Mancebo da fina roda,
Morreu mais tarde vestindo
Um fato fóra da moda.

E eu disse num tom profundo :
«Amae, amae, corações !
Ao mundo das illusões
Não chegam vozes do mundo.

O' peralvillio modelo,
Sonho de moça e menina,
Que nunca a sorte mofina
Te converta em pesadelo ! »

Passou-se algum tempo. Os fados
Levaram-te, flor querida.
Hontem meus olhos pasmados
Encontraram-te na vida.

Não vinhas só. Compassado,
Um sujeito narigudo,
Giboso, torto, ventrudo,
Vi caminhando a teu lado.

Era uma figura suina,
Um monstro informe, um camello,
O teu sonho de menina
Convertido em pesadelo.

1905.

O CIGARRO

Fumo um cigarro, acompanhando attento
As espiraes macabras da fumaça,
Que sobe para o tecto, e se adelgaça,
E perde-se afinal pelo aposento.

E emquanto ulula, fóra, a voz do vento,
Seguindo o rendilhado que ella traça,
No coração não sei o que se passa,
Mas adormeço as maguas um momento.

Oh ! quantos sonhos, quantas maravilhas
O perfumado fumo das Antilhas
Faz-me sonhar em noites hibernaes !

Dá-me de novo o que eu perdido havia,
Dá-me de novo os sonhos e a poesia
Daquelles tempos que não voltam mais.

1902.

TUMULO

Modesta cruz de pau numa clareira,
Onde pipilem trefegos sanhaços;
Modesta, sim, mas que uma trepadeira,
Para enfeitá-la, cinja-lhe os dois braços.

E que eu repouse alli, na hospitaleira
Sombra do bosque, livre de cansaços,
Como quem, pelas horas da soalheira,
Foge da estrada aos cálidos mormaços.

Eil-o o tumulto simples que ambiciono
Para deitar a carne fatigada,
Para dormir o derradeiro somno.

Como serei feliz no meu jazigo!
Aves, flores, a matta embalsamada,
E eu a dormir, eu a sonhar contigo...

1905.

INDICE

IPÊS

Prefacio	5
Aquarella	15
Nha Carola	17
Meio dia	19
Zé da Ponte	21
Serão	23
O batuque	25
O rancho	27
De manhã	29
Manhãs de outrora	33
Fazenda velha	37
A dansa dos tangarás	41
A scisma do caboclo	43
A' Gêgê	47
Innocencia	49
As aves	51
Uma creança	55
A arvore	59

O rio	63
A chuva	67
Mimo de caçador	71
Uma vela que passa	73
Fumando	75
Navegantes	79

TRADUCÇÕES

Do "Intermezzo": I	85
II	86
III	87
Doente	89
Serenata	91
Fremitos de amor	93
Do "Cyrano de Bergerac" I	95
II	97
III	99
IV	101
V	104
Sonhos mortos	105
Os elephantes	109

APPENDICE

Manhã	115
Passeio	117
Jequitibá	119
Alvuras	121
O pombo	123
Aves de arribação	127
No "Minarete"	129
"Tesoro mio"	131
Olhos pretos	133

I n d i c e

151

Primeiro amor	135
Só	137
Visão	139
Historieta	141
O cigarro	145
Tumulo	147

Typ. Soc. Edit, Olegario Ribeiro - R. Abranches, 43 - S. PAULO

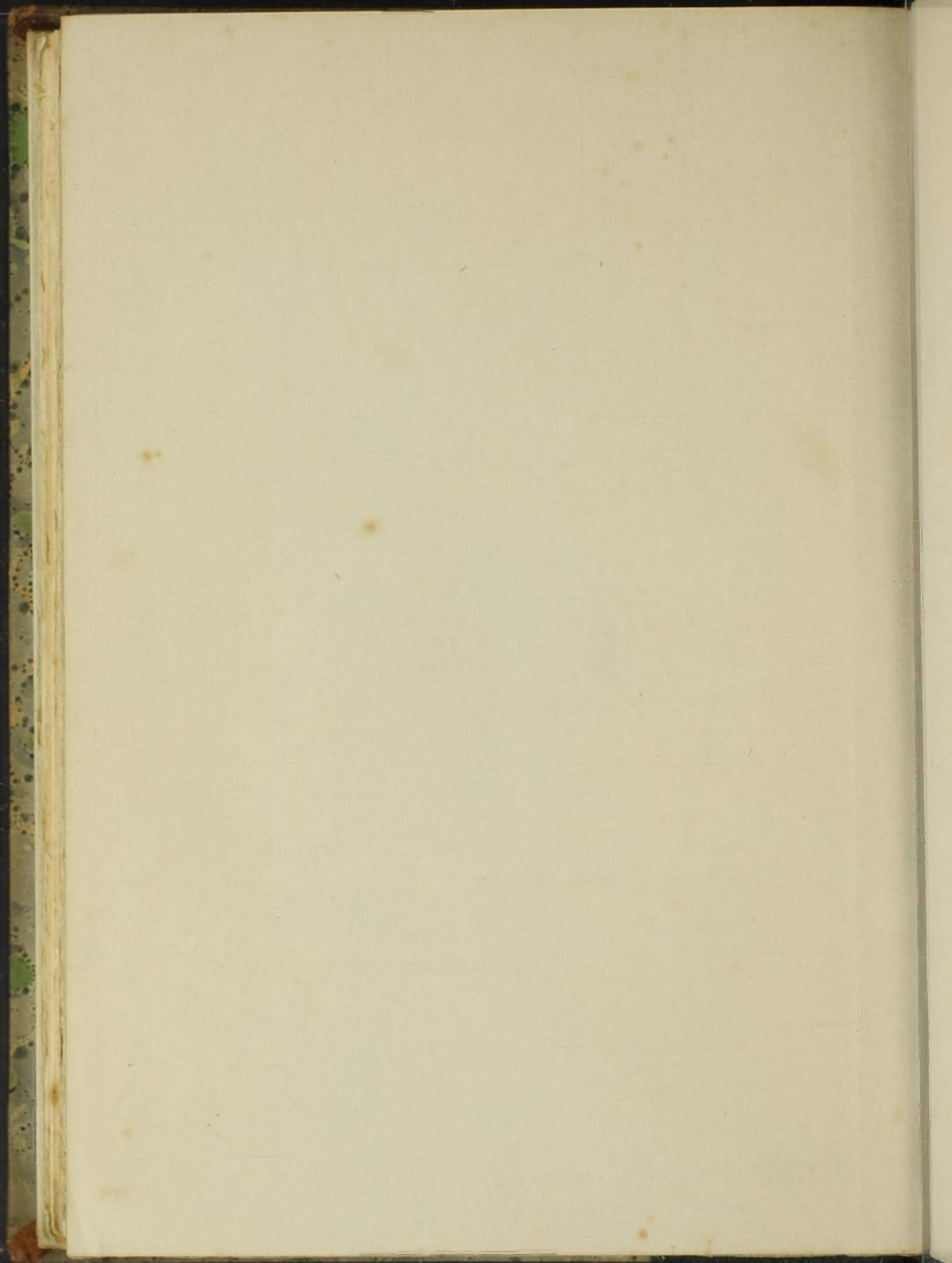
RICA
Gonça

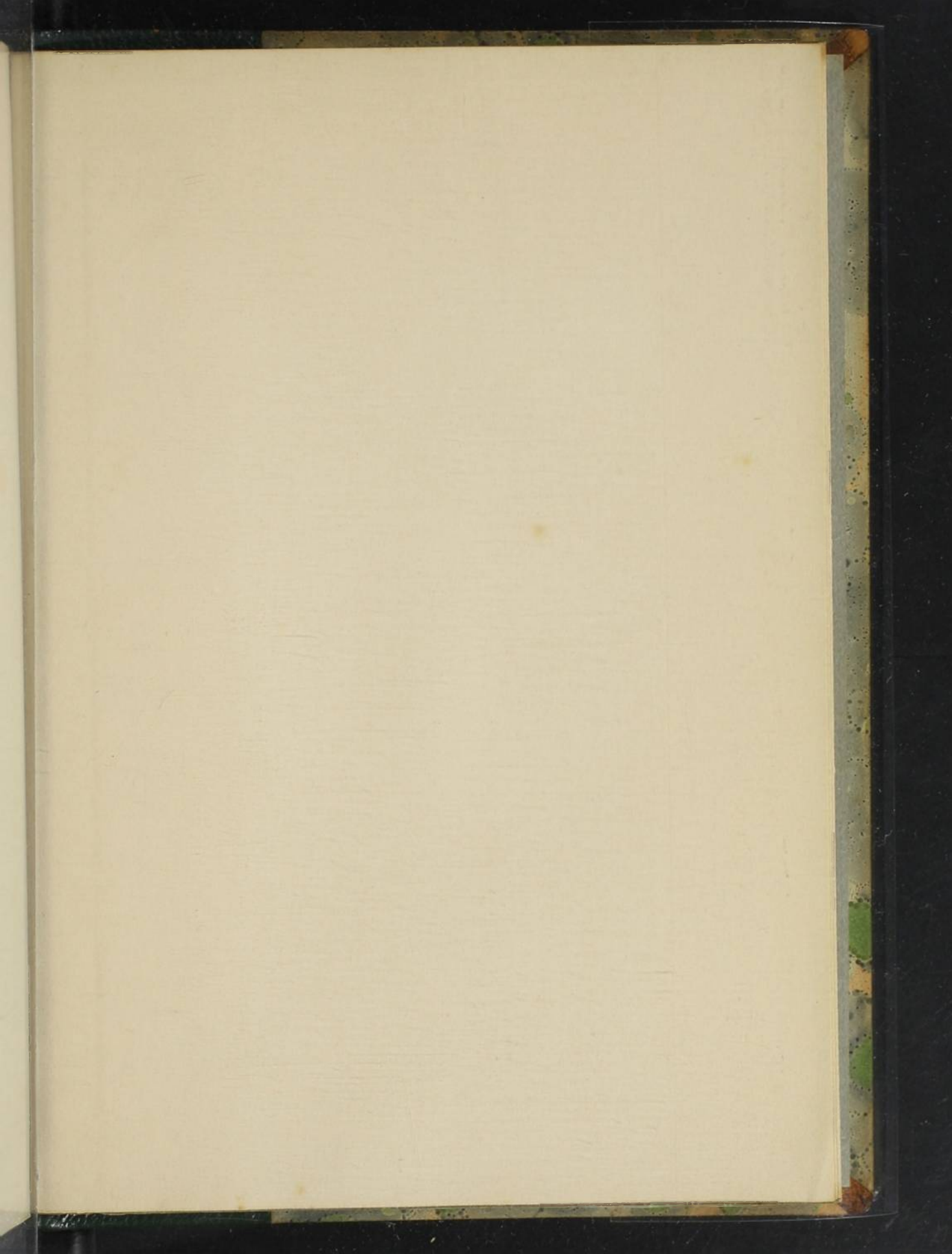
IPÊ

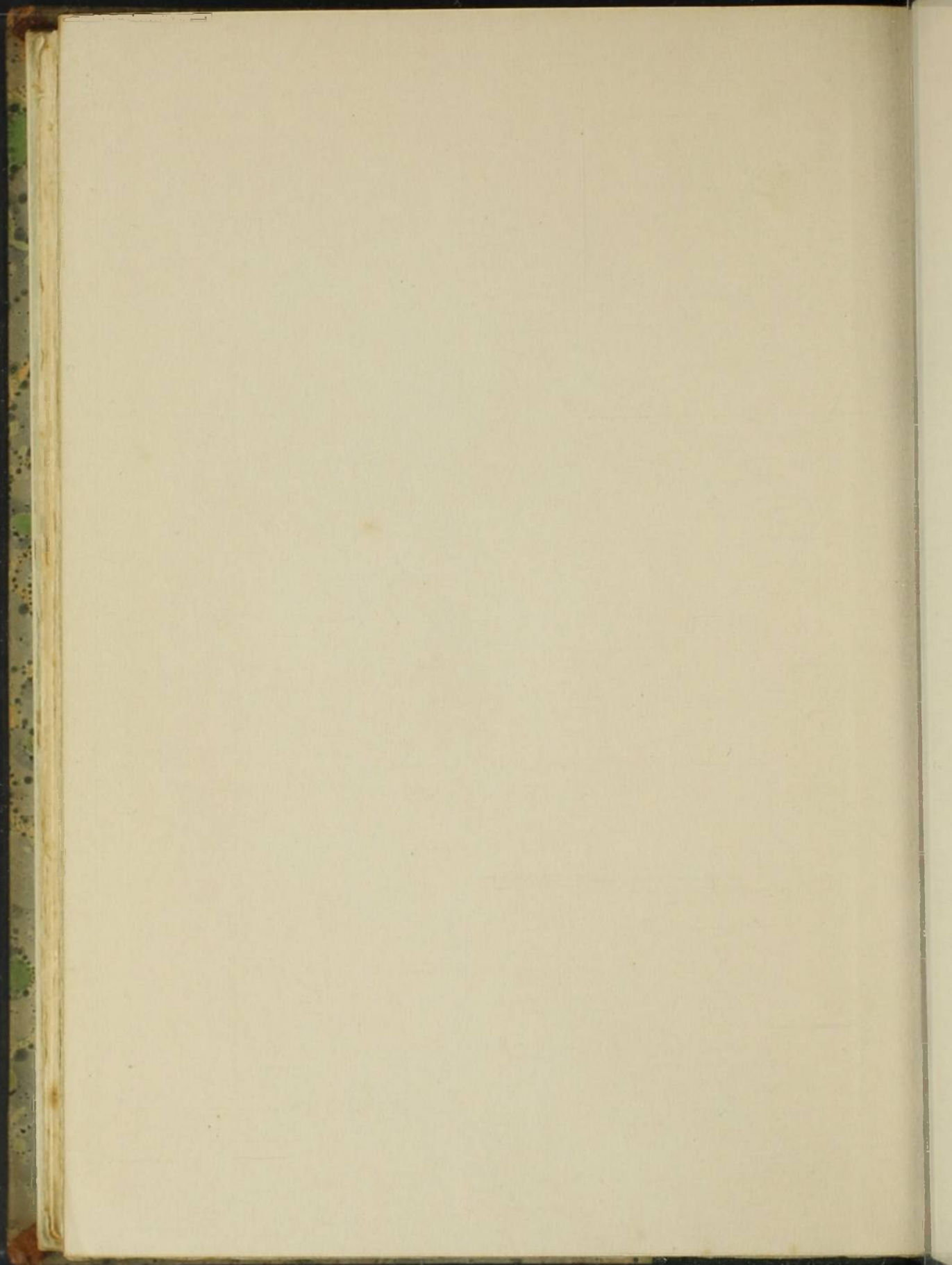


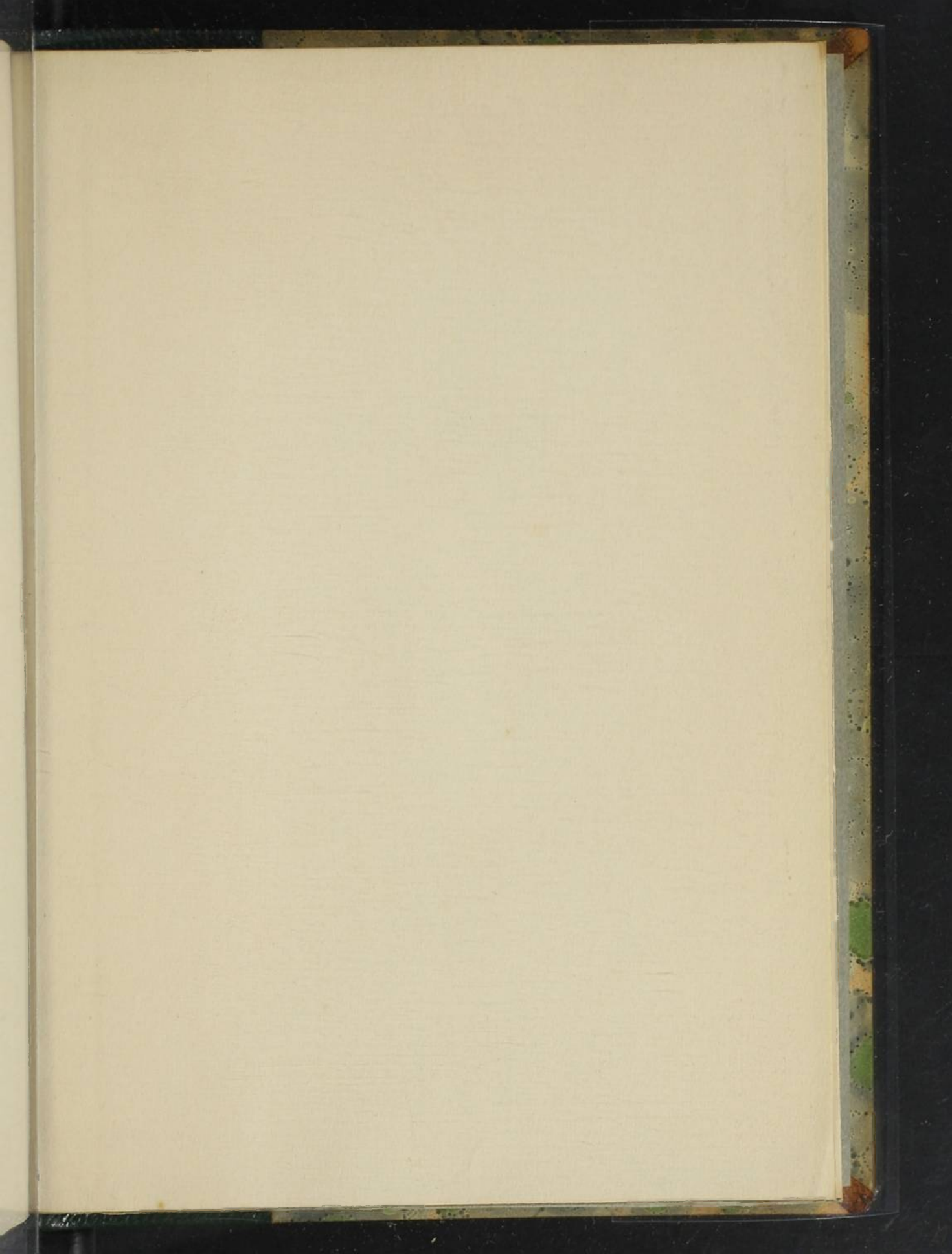
Preço: 4\$00

MONTE
LOBAT
- Edit









24001

